

ENSINO MAGAZINE



SUPLEMENTO

outubro 2026

Diretor Fundador
João Ruivo

Diretor
João Carrega

Publicação Mensal
Ano XXIX ■ Nº344
Distribuição Gratuita

www.ensino.eu

Assinatura anual: 15 euros

DIOGO ZAMBUJO, CANTOR OS GENES NÃO ENGANAM



→ ENSINO JOVEM

UÉvora, UBI, ULO, UPPortalegre,
UPCA e UPG em destaque nos
rankings internacionais

→ P 4, 5, 7, 8, 11 E 15

JOSÉ MILHAZES, JORNALISTA E HISTORIADOR

A história funciona como as vacinas

→ P 3



CLARINETE JUNTA OS MELHORES DO MUNDO EM FESTIVAL

→ ENSINO JOVEM

PEDRO BOUCHERIE MENDES



‘Portugal é um absoluto caso de sucesso’

→ P 13

UPLisboa leva
filme a Festival
Internacional

→ P 12

‘Revolução de Abril’
candidato ao prémio
Mário Soares

→ P 16

Presidente dos
Açores fala de
autonomia na
U. Madeira

→ P 6

UPC apresenta
estratégia
de inovação

→ P 9

Reitora de
Setúbal desafia
comunidade

→ P 10

UPSantarém
aposta na
eficiência

→ P 11

UPBeja com novo
método de
aprendizagem

→ P 12

Saber mais



Banco Santander Totta S.A. registado no BdP com o nº18.

+1.800 bolsas no ensino superior

A Fundação Santander promove a inclusão
e ajuda a quebrar barreiras de acesso ao
ensino superior.

Transformar vidas

Começa agora



Pub



CIART, UM PATRIMÓNIO ÚNICO, UMA HISTÓRIA A DESCOBRIR.

O CIART – Centro de Interpretação de Arte Rupestre do Vale do Tejo, em Vila Velha de Ródão, convida-o a descobrir 20 mil anos de história gravada na pedra e aquele que é um dos mais importantes conjuntos de arte pós-paleolítico da Europa.

Relação da Arte do Tejo com outros sítios da arte ibérica

The relationship between Tagus Rock Art and other Iberian rock art sites

ciart 
CENTRO DE
INTERPRETAÇÃO
DE ARTE RUPESTRE
DO VALE DO TEJO




VILA VELHA
DE RÓDÃO
Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão

**Lisboa
games
week**

**PLAY YOUR
PASSION**

19-22 NOV. 2026

lisboagamesweek.pt

ORGANIZAÇÃO
 **fundação aip**
Associação de Investimento e Património

 **CCL**
Associação de Investimento e Património

 **FIL**
Associação de Investimento e Património

**BILHETES À VENDA EM:
WWW.TICKETS.FIL.PT**



JOSÉ MILHAZES, JORNALISTA E HISTORIADOR

‘O nuclear é uma carta que a Rússia pode usar como ameaça’

✚ O mais recente livro de José Milhazes é o mote para uma conversa sobre ideologias, a guerra entre russos e ucranianos, sem esquecer a importância de as novas gerações conhecerem a História para não repetir os erros no futuro.

O livro que acabou de lançar, «Porque Não Sou Comunista» é uma reflexão autobiográfica, histórica e política em que explica as razões que o levaram a afastar-se do comunismo e das ideologias marxistas-leninistas, como projeto político. Para além de ter estudado História, e ser formado em História da Rússia, o facto de ter vivido 38 anos naquele país fê-lo conhecer por dentro e sentir na pele a diferença entre propaganda e a vida real destes regimes?

Sem dúvida. Essa vivência concreta foi decisiva. Na teoria era, por exemplo, uma ideologia que perseguia o valor da justiça social e o que acontecia na prática era o contrário. Uma coisa é aquilo que se diz e outra é aquilo que se faz. Após viver “in loco” naquele regime comunista concluí que nada tinha que ver com aquilo em que eu acreditava. Era, na verdade, um regime opressor. Uma ditadura, para falar mais claro. Na União Soviética e também na atual Rússia, existia e existe capitalismo de Estado, com todas as desigualdades que se possa imaginar. Foi esta e outras disparidades que me levaram a abandonar o comunismo.

Refere que os regimes soviéticos se caracterizaram por repressão, purgas, manipulação, “gulag” e a propaganda. Esta é uma ideologia que cristalizou no tempo e que neste momento está em falência um pouco por todo mundo?

A ideologia comunista tem perdido influência e vai perder, e o mesmo se aplica ao Partido Comunista em Portugal – A menos que opere alguma reviravolta interna que não consigo vislumbrar. O comunismo é uma ideologia que já provou ser falsa, muitas vezes, em muitos lugares. E não há nenhuma experiência comunista que tenha acabado bem. Elas conduzem a repressões, fome, antissemitismo e a todos outros males que essa ideologia diz condenar e combater. Uma ideologia que tem na raiz a ditadura do proletariado não vamos ver dar origem a uma democracia plena, mas sim a uma democracia popular, que todos sabemos como acaba. Varia apenas a intensidade da repressão e o número de vítimas, emergindo os defeitos de uma sociedade que pretendendo ser mais igualitária, não passa de uma ditadura.

No livro analisa figuras como Lenine, Trotsky e Estaline. O que afasta e aproxima estes três líderes históricos do homem que dirige os destinos da Rússia há 26 anos, Vladimir Putin?

A sede e a fome de poder absoluto é o que une Putin a essas personagens. O poder ditatorial, que é uma característica dos regimes marxistas-leninistas. Em qualquer das suas variantes, aparece sempre o grande líder. Defendo que Putin não é comunista, nem está a pensar construir uma sociedade comunista. Putin acha-se um político que está convencido que manda na História, e que tem por missão salvar o país dele e o mundo. Varia o número de vítimas dos regimes, mas a

forma como são construídos e se impõem não difere muito. Enquanto isso, o poder económico concentra-se, cada vez mais, nas mãos do Estado e nos seus homens de confiança, os chamados oligarcas. Em suma, há muitas semelhanças entre os regimes autoritários comunistas e o atual regime político russo.

A morte do líder da oposição russa, Alexei Navalny, em 2024, desencadeou uma forte reação popular no país, mas que foi fortemente reprimida. O medo está sempre presente porque quem ouse contestar o regime é detido e condenado?

Claro. O medo é uma das traves-mestras do regime autoritário e a principal força de coesão e de manutenção desse regime. E a criação de um aparelho repressivo baseado nesse mesmo temor. Os cidadãos têm de desconfiar sempre porque nessas sociedades o regime pode estar infiltrado em todos os poros, controlando e castigando.

Após o acordo dos combustíveis entre os presidentes americano e russo escreveu nas suas redes sociais que «a Ucrânia é cada vez mais um país traído e vendido por Donald Trump». Perante isto, Kiev só pode esperar ajuda da Europa ou capitulará?

Se as coisas continuarem a avançar como estão, receio que a Ucrânia tenha de capitular. Pelo menos, na cedência de mais território à Rússia. A Ucrânia tem a seu desfavor o facto de em Washington existir um líder que é um ser intratável e insano, que vai ao encontro da política de Putin, por vezes mesmo sem ele pedir. A Ucrânia pode deixar de ter apoio dos Estados Unidos. É certo que a Europa tem poder e capacidade de influência, mas está a braços com uma crise gigantesca. E que tende a agravar-se. Enquanto isso, a solidariedade europeia com a Ucrânia também pode ficar fragilizada. Em tempos de crise cada país olha para os seus interesses e é nesta divisão que Putin joga fortemente.

Como está a assistir às manobras de intimidação aos países da NATO, nomeadamente à Polónia e aos Estados Bálticos?

Espero que a guerra entre a Rússia e a NATO nunca comece. A Europa do ponto de vista de armamento convencional é mais forte do que a Rússia, mas tem pouco armamento nuclear. Admito que a Rússia do ponto de vista de armamento convencional não se mete com a Europa,

mas não descarto que faça chantagem nuclear. O nuclear é uma carta que a Rússia pode usar como ameaça. E já o está a fazer. Mais distante parece-me passar da ameaça à prática. Enquanto isso, a minha pergunta é esta: será a Europa capaz de se mobilizar para defender o continente de um ataque russo? Estará a juventude europeia pronta para defender os seus respetivos países de um ataque russo? Estas são questões muito importantes a que não responderia de forma pronta e convicta. Os europeus relaxaram ao pensar que a paz no continente era eterna.

Trump disse há dias que chegou a altura de a Ucrânia ter um novo presidente. Como fazer um ato eleitoral justo em tempo de guerra?

Putin só pode agradecer e manifestar o apoio perante estas sugestões. Mas nesta altura não se coloca a ideia de ter um homem pró-Kremlin em Kiev. O objetivo no curto prazo é criar instabilidade política na Ucrânia e levar a que Zelensky se demita. Dependerá do sucessor e se Moscovo o considere suficientemente maleável para atingir os seus objetivos. Entretanto, Putin quer resolver o problema da Ucrânia à força e muito rapidamente. Ele vive no seu mundo que é criado pelos conselheiros e militares que o rodeiam. Se Zelensky um dia destes ceder o Donbass, pouco tempo depois virá Putin a pedir-lhe mais...

Enquanto não recuperar o império russo desmantelado, Putin não parará?

Ao prosseguir ele vai hipotecar o futuro da Rússia. Por muitos recursos que tenha este país, eles não são infinitos. Por exemplo, a Rússia terá meios para aguentar uma guerra com a Europa? Duvido.

Regressando ao livro, ele é dirigido às novas gerações, que defende devem estar «atentas e socialmente ativas». É convidado com frequência para palestras em diversas escolas do país. Qual é a importância de as novas gerações possuírem conhecimento da História?

As gerações jovens amadurecem mais devagar e viveram num ambiente muito mais confortável do que as anteriores. Mas é preciso arrancá-

las da letargia em que se encontram. Num mundo global, a guerra é aqui ao lado. Não é longe, como se possa pensar. Eles ficam muito surpreendidos quando eu nas palestras nas escolas digo: «Jovens, vocês poderão ter de fazer serviço militar obrigatório e podem ir para a frente de combate!». Mas acredito que para eles este é um cenário muito longínquo. Veem em mim um arauto da desgraça e do pânico da preocupação europeia.

Conhecer o passado é o melhor antídoto para combater a progressão dos projetos políticos que avançam com soluções milagrosas para problemas de complexa solução?

A História funciona como as vacinas. Só conhecendo o passado, podemos prevenir determinadas enfermidades que surgem na nossa sociedade. Mas as vacinas têm prazo de validade. E a História repete-se. Não há volta a dar. A principal causa do reaparecimento das forças extremistas é a fraqueza do centro e a incapacidade dos partidos clássicos de darem resposta aos problemas sociais. Aos jovens deixo a seguinte mensagem: estudem, cruzem dados e mantenham-se atentos e não vão atrás de doutrinas, discursos facilitadores e verdades absolutas.

Como já viveu em ambos os lados da “barriçada”: Vale mais uma democracia imperfeita ou uma ditadura perfeita?

Não tenho a mínima dúvida que uma democracia por muito imperfeita que seja é sempre melhor que uma ditadura. Sempre. Pelo menos permite-nos mudar. Já as ditaduras não e começam a ser cada vez mais fechadas. ■

Nuno Dias da Silva
Direitos Reservados

CARA DA NOTÍCIA

38 anos a residir no «país dos soviéticos»

✚ José Milhazes nasceu a 2 de outubro de 1958, na Póvoa de Varzim. Em 1977 foi estudar para a União Soviética. Licenciou-se em História da Rússia na Universidade Estatal de Moscovo (Lomonossov) e estabeleceu-se naquele país enquanto tradutor de obras literárias e políticas. Em 1989 começou a fazer trabalho jornalístico na TSF e depois noutros media portugueses. Fez o doutoramento em 2008, na Universidade do Porto, dedicado ao tema «Influência das ideias liberais espanholas e portuguesas na Rússia». Regressou a Portugal em 2015 com um conhecimento incomparável no panorama português sobre a sociedade, a política e a história russas e da Europa de Leste. É comentador na SIC e na SIC Notícias, protagonizando o programa «Guerra Fria» com Nuno Rogeiro. «Porque não sou comunista» é a mais recente novidade editorial, lançada pela Oficina do Livro. ■



saber mais em:
www.ensino.eu

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Polo de aeronáutica nasce

✚ A Universidade de Évora vai criar um polo dedicado ao setor da Aeronáutica e Aeroespacial junto ao aeródromo da cidade, em instalações cedidas pela câmara e pelo IPMA, permitindo lançar novos cursos nestas e noutras áreas.

“A nossa grande aposta é o curso de Engenharia Aeroespacial, que queremos que seja uma referência no panorama nacional”, mas estas instalações “podem servir para outro tipo de formações”, afirmou o reitor da Universidade de Évora (UÉ), António Candeias.

O responsável falava aos jornalistas após a assinatura de acordos de cedência de instalações entre a academia, a Câmara de Évora e o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), numa cerimónia realizada num hangar do aeródromo municipal.

Estes acordos preveem a cedência à UÉ para a criação do polo de uma parte do edifício de uma antiga escola de pilotos, localizada no aeródromo e propriedade do município, e do Centro Regional de Meteorologia do IPMA, situado junto à infraestrutura.

Presente na cerimónia, a secretária de Estado da Ciência e Inovação, Helena Canhão, destacou que o espaço e a aeronáutica “são setores cada mais importantes a vários níveis”, como ao nível da soberania, industrial e capacitação de pessoas.

Já o presidente da Câmara de Évora, Carlos Zorrinho, considerou que a aposta da cidade no desenvolvimento das áreas aeroespacial



e aeronáutica “precisa de um novo impulso” e aludiu à “procura muito grande por indústrias ligadas à segurança e defesa”.

Assinalando que a academia já ambicionava ter infraestruturas para desenvolver a Aeronáutica e o Aeroespacial, o reitor referiu que o polo vai dar à UÉ “condições para criar um curso de excelência nestas áreas e também apoiar o ‘cluster’ aeronáutico”.

“Estamos a criar as condições para que a UÉ possa dar resposta às necessidades das empresas, através da criação de laboratórios que vão servir, não só para a formação, mas também para a investigação”, adiantou.

António Candeias salientou que o curso de Engenharia Aeroespacial da academia alentejana abriu no ano letivo anterior e revelou a intenção de, com o novo polo, a instituição avançar para a

criação do mestrado nesta área.

“Vamos começar a trabalhar na proposta para que os alunos que estão agora no segundo ano e para o ano que vem acabarem o terceiro tenham a oportunidade de continuar a sua formação na Universidade de Évora e completar os cinco anos de engenharia”, realçou.

O reitor admitiu que, com estas instalações, seja possível à UÉ pensar em criar “uma formação pós-graduada ou mesmo a nível de segundo ciclo na área da Gestão de Risco ou da Proteção Civil”, assim como em climatologia.

“É o Polo da Aeronáutica e Aeroespacial da Universidade de Évora, mas é claro que temos de pensar que as infraestruturas que aqui serão desenvolvidas poderão dar apoio a outras áreas, incluindo a área da robótica e da mecatrónica”, frisou.. ■

LUSA

900 ANOS DA FUNDAÇÃO DE PORTUGAL

Hermínia Vilar integra Conselho do Comissariado

✚ A ex-reitora da Universidade de Évora, Hermínia Vasconcelos Vilar, integra o Conselho Geral do Comissariado Nacional para as Comemorações dos 900 Anos da Fundação de Portugal.

Este órgão, presidido por Paulo Portas, Comissário-Geral das comemorações, integra representantes de diferentes órgãos e instituições nacionais e tem entre as suas funções o acompanhamento da programação das comemorações.

A presença de Hermínia Vilar naquele Conselho aporta a sua “experiência académica e científica de uma historiadora cuja investigação se tem dedicado, entre outros domínios, ao estudo da construção do poder régio e da sociedade portuguesa medieval”, diz a Universidade de Évora, em informação partilhada na sua página de internet.

“O Comissariado Nacional para as Comemorações dos 900



Anos da Fundação de Portugal foi criado com a missão de promover, organizar e executar as iniciativas associadas à evocação do processo de formação do país. As comemorações têm como primeiro grande marco os 900 anos da Batalha de São Mamede, a assinalar em 2028, integrando posteriormente outros momentos fundamentais do processo de consolidação de Portugal, entre os quais a Batalha de Ourique, em 1139, o Tratado de Zamora, em 1143, e o reconhecimento associado à bula papal Manifestis Probatum, em 1179”, adianta a mesma nota. ■



COOPERAÇÃO

Universidade de Évora abre Instituto Confúcio

✚ A Universidade de Évora inaugurou, no passado dia 16 de outubro, o Instituto Confúcio, que vai promover o estudo e o ensino da língua e cultura chinesas e constitui “uma porta aberta” para mostrar Portugal na China, indicou o reitor.

Trata-se de “um instituto que pretende divulgar a língua e a cultura chinesas através de formações, mas também de atividades culturais”, disse o reitor da Universidade de Évora (UÉvora), António Candeias.

Em declarações aos jornalistas, após a cerimónia de inauguração da nova valência, que decorreu na Sala dos Docentes no Colégio do Espírito Santo, o mesmo responsável afirmou que, ao

mesmo tempo, “abre a porta à possibilidade de colaborações noutras áreas”.

“Mais do que apenas divulgar a cultura chinesa e a língua chinesa, é também um fórum para divulgar a própria cultura portuguesa na China e, por isso, temos aqui uma porta aberta para, em território da China, podermos desenvolver e mostrar a nossa cultura e a nossa língua”, realçou.

A iniciativa resulta de uma parceria entre a UÉvora, as universidades de Língua e Cultura de Pequim e da Cidade de Macau e a Chinese International Education Foundation (Fundação Chinesa de Educação Internacional). ■

LUSA

WORLD'S TOP 2% SCIENTISTS

Docentes da UÉ no TOP

✚ Os investigadores da Universidade de Évora (UÉ) Soumodip Sarkar, Marta Laranjo, Miguel Bastos Araújo e Manuel Collares Pereira integram a edição deste ano da lista internacional “World’s Top 2% Scientists”, divulgou a academia alentejana.

Segundo a UÉ, esta lista, baseada numa metodologia desenvolvida pela Universidade de Stanford (EUA) e publicada este mês pela Elsevier, é “uma referência internacional na avaliação do impacto da produção científica”.

Paralelamente, outros investigadores da academia alentejana figuram no ‘ranking’ individual de cientistas da plataforma interna-

cional Research.com, que elabora classificações próprias na área da investigação científica.

Revela a UÉ, que “na classificação do Research.com relativa à Universidade de Évora são destacados Miguel Bastos Araújo, professor do Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, investigador no Instituto Mediterrâneo para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento e responsável pela Cátedra Rui Nabeiro – Biodiversidade; Manuel Melo e Mota, professor aposentado do Departamento de Biologia e investigador do Instituto Mediterrâneo para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento; Peter Joseph Carrott, a

título póstumo, professor aposentado do Departamento de Química e investigador do Laboratório Associado para a Química Verde; Pedro Raposo de Almeida, professor do Departamento de Biologia e diretor do Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (MARE); Manuel Francisco Pereira, professor do Departamento de Geociências e investigador no Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia para o Sistema Terra e Energia (CREATE) bem como Pedro Anastácio, professor do Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento e investigador no Centro de Ciências do Mar e do Ambiente”. ■

EM com LUSA



CLÁUDIA DE FREITAS MARTINS Diplomada da UBI vence prêmio L'Oréal

✚ Cláudia de Freitas Martins, diplomada pela Universidade da Beira Interior (UBI), é uma das vencedoras da edição deste ano das Medalhas de Honra L'Oréal para as Mulheres na Ciência, disse ao Ensino Magazine a aquela academia.

Na informação partilhada com a nossa redação, a UBI revela que “Cláudia Martins foi uma das quatro cientistas portuguesas distinguidas com as Medalhas de Honra L'Oréal, que reconhecem e valorizam a qualidade científica e o impacto social do trabalho desenvolvido por mulheres cientistas”.

As Medalhas resultam de uma

parceria entre a L'Oréal Portugal e a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do programa internacional L'Oréal-UNESCO For Women in Science.

O júri científico foi presidido por Alexandre Quintanilha, professor catedrático jubilado e investigador na área da Física.

Cláudia Martins concluiu na UBI o 1.º Ciclo em Ciências Biomédicas. Atualmente é investigadora do i3S – Instituto de Investigação e Inovação em Saúde, da Universidade do Porto, onde integra um grupo dedicado ao combate ao glioblastoma, um tumor cerebral maligno. ■



FERNANDO PAULOURO UBI e Instituto cooperam

✚ A Universidade da Beira Interior (UBI) e o Instituto Fernando Paulouro Neves (IFPN) acaba de assinar um protocolo de cooperação destinado a preservar e divulgar o legado do jornalista e escritor Fernando Paulouro Neves, disse ao Ensino Magazine aquela academia.

O acordo foi assinado a 12 de outubro, pela reitora, Ana Paula Duarte, e pela presidente do Instituto, Maria Eugénia Ferrão, durante sessão de encerramento do I Fórum do Pensamento Novo, promovido pelo IFPN, entre 2 e 12 de outubro, em dife-

rentes localidades da região.

Em nota enviada à nossa redação, a UBI revela que o protocolo “institucionaliza a conjugação de recursos e esforços em áreas de interesse comum. Entre as ações previstas estão a realização conjunta de palestras, simpósios, estudos e projetos de ensino e investigação; a disponibilização de espaços universitários; a divulgação partilhada das iniciativas; e a promoção do apoio a ensaios e trabalhos académicos dedicados à obra jornalística e literária e ao pensamento de Fernando Paulouro Neves”. ■

RANKINGS INTERNACIONAIS

UBI destaca-se no mundo

✚ A Universidade da Beira Interior (UBI) está entre as melhores academias internacionais, segundo a classificação obtida recentemente em dois rankings. De acordo com a UBI, 26 investigadores seus integram o “World’s Top 2% Scientists”, prestigiado ranking elaborado pela Universidade de Stanford (EUA), em colaboração com a editora Elsevier. No World University Rankings está entre os 800 melhores do mundo. O anúncio foi feito pela academia.

Segundo a UBI, “o primeiro estudo divide-se em duas categorias: o impacto ao longo da “Carreira” e o desempenho no “Ano” que desta forma valoriza a atividade recente”. Face ao ano passado, a Universidade portuguesa tem mais um investigador no ranking.

“Na categoria «Ano» são indicados António Marques Cardoso, António Cardoso Marques, Armin da do Paço, Bruno Travassos, Duarte de Melo-Diogo, Gilberto Alves, Helena Alves, Hugo Proença, Ilídio Correia, Imed Jlassi, Ivan Kaygorodov, João Ferreira, José Páscoa, Eugénia Gallardo, Mário Franco, Mostafa Gerdoodbary, Paulo Duarte, Paulo Oliveira, Pedro Dinis Gaspar, Rui Paulo Jorge Moreno e Victor Moutinho. Quanto ao impacto de «Carreira», estão indicados António Marques Cardoso, António Cardoso Marques, Armin da do Paço, Branca da Silva, Helena Al-



ves, Hugo Proença, Ilídio Correia, João Ferreira, Jorge Barata, Luís Alexandre, Mário Marques, Mário Franco, Michèle Trancossi, Mostafa Gerdoodbary, Paulo Oliveira, Rui Paulo Jorge Moreno e Victor Moutinho”, noticia a UBI.

Já no World University Rankings 2027, a UBI está entre as melhores 800 instituições do mundo, numa lista que inclui quase 2300 academias.

De acordo com a informação veiculada pela universidade, “em termos globais, a UBI mantém-se entre as 800 melhores do mundo, num ano em que foram avaliadas 2297 academias de 118 países/regiões, mais 106 face ao ano anterior. Considerando as 19 instituições portuguesas avaliadas, a UBI está na metade superior da tabela que classifica as universidades por patamares”.

O World University Rankings é escalonado tendo em conta cinco fatores, a saber: “Ensino”, “Am-

biente de Investigação”, “Qualidade da Investigação”, “Indústria” e “Perspetiva Internacional”.

Na categoria de “Qualidade da Investigação”, a UBI alcança um lugar de destaque, “sendo a melhor portuguesa pelo segundo ano consecutivo”. Na vertente “Ambiente de Investigação”, mesmo não aparecendo no topo da tabela nacional, “a UBI regista melhorias na nota atribuída pelo THE há 10 anos consecutivos, desde a primeira vez que surgiu neste ranking, em 2017. Nos restantes pilares, registaram-se pequenas variações, que não puseram em causa a posição da UBI em termos mundiais, mesmo com o aumento da concorrência, resultante da entrada de mais de 100 novas academias no WUR”.

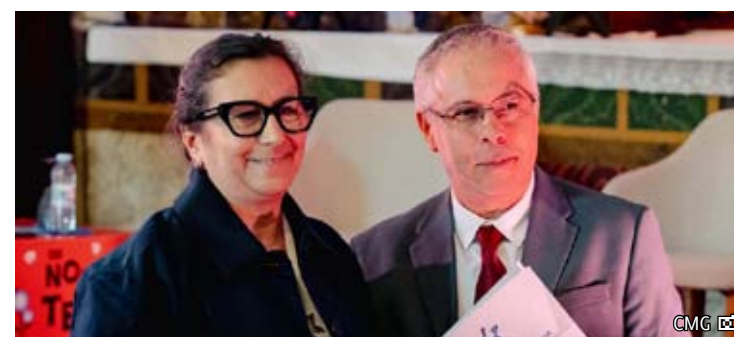
O Times Higher Education World University Rankings é um relatório global de desempenho que avalia as instituições nas suas missões centrais. ■

UBI E GOUVEIA CRIAM

Cátedra Vergílio Ferreira

✚ A Universidade da Beira Interior (UBI) e a Câmara Municipal de Gouveia vão criar a Cátedra Vergílio Ferreira, que pretende incentivar o estudo e a divulgação da obra literária de um dos autores portugueses mais importantes do Século XX. O primeiro passo já foi dado, no dia 4 de outubro, durante a 5ª Edição do Festival Literário “Em Nome da Terra”, que celebrou o legado do escritor natural de Melo, no concelho de Gouveia, com a assinatura dos documentos de suporte, por parte de Jorge Abrantes Cardoso Ferreira (Presidente da Câmara de Gouveia), e Ana Paula Duarte (Reitora da UBI).

De acordo com a UBI, esta Cátedra abrange “diferentes áre-



as e irá atribuir bolsas de estudo a estudantes que se dediquem à investigação na área dos estudos vergilianos”.

A Cátedra prevê ainda “facilitar o acesso aos fundos bibliográficos; incentivar a permanência de investigadores da UBI e dos centros de investigação da UBI nas instalações

da “Casa Para Sempre”, em Melo, para a realização de pesquisas; promover a edição de trabalhos; desenvolver palestras, conferências, colóquios ou congressos; e estudar e promover a difusão da obra vergiliana e dos trabalhos que lhe dizem respeito no universo digital”. ■



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA DA MADEIRA UMa leva ciência ao parlamento

A Universidade da Madeira (UMa) participou na Semana da Região Autónoma da Madeira Assembleia da República, integrada nas comemorações dos 50 anos da Autonomia, com uma mostra dedicada à ciência, investigação e inovação desenvolvidas na Região.

Segundo a UMa, “a iniciativa pretendeu evidenciar o papel determinante que a UMa tem assumido no desenvolvimento da Madeira ao longo das últimas décadas, contribuindo para a qualificação de pessoas, a criação de conhecimento, a inovação e a crescente projeção nacional e internacional da Região”.

A presença da Universidade na casa da democracia madeirense

surgiu no âmbito do convite do Parlamento Regional.

Durante o evento, a universidade apresentou “projetos de investigação, tecnologias, patentes e protótipos representativos de diferentes áreas científicas, demonstrando a capacidade da UMa para produzir conhecimento com impacto económico, social e ambiental e para participar em redes e projetos de dimensão nacional e internacional”.

Para a academia, “no contexto dos 50 anos da Autonomia, esta presença assume também uma dimensão simbólica: uma Região é tanto mais autónoma quanto maior for a sua capacidade para gerar conhecimento, formar ta-

lento e encontrar soluções para os seus próprios desafios”.

Com o lema “Da Autonomia ao Conhecimento – Madeira 1976 → 2026 → 2076”, a Universidade da Madeira diz, na informação por si divulgada, celebrar o percurso realizado e reafirmar a ciência, a inovação e a qualificação das novas gerações como pilares fundamentais para construir os próximos 50 anos da Região.

No evento a equipa da UMa integrou por 14 docentes e investigadores das diferentes áreas científicas, acompanhados pelo reitor, Sílvio Moreira Fernandes, e pelo vice-reitor para a Investigação, Inovação e internacionalização, José S. Câmara. ■

UNIVERSIDADE DA MADEIRA Bolieiro e a autonomia

O presidente do Governo dos Açores, José Manuel Bolieiro, defendeu, no dia 28 de setembro, que uma autonomia não se esgota na existência de órgãos de governo próprio, valorizando a capacidade das ilhas para produzir conhecimento e contribuir para decisões nacionais e europeias.

José Manuel Bolieiro falava na Universidade da Madeira, onde lecionou uma aula aberta sobre “Autonomia e Centralidade”, no âmbito do mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário.

Segundo uma nota divulgada pelo executivo açoriano (PSD/CDS-PP/PPM), o presidente do Governo Regional promoveu uma reflexão sobre a capacidade das regiões insulares para produzirem conhecimento, pensamento e decisão própria.

“As ilhas atlânticas, os Açores e a Madeira não são apenas regiões de necessidades de apoio para o seu desenvolvimento, mas também regiões de oportunidade para



a dimensão atlântica de Portugal e da União Europeia”, afirmou José Manuel Bolieiro, citado na nota.

Na aula, o presidente do Governo dos Açores revisitou igualmente o percurso histórico que conduziu ao atual modelo autonómico, nascido de uma reivindicação de descentralização e de uma vontade de superar aquilo que descreveu como “abandono, isolamento e falta de compreensão da realidade atlântica” das populações insulares.

Neste sentido, considerou que a Universidade assume também particular importância enquanto espaço de conhecimento, reflexão crítica e produção de pensamento a partir das Regiões Autónomas.

A aula aberta inseriu-se nas iniciativas do mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário da Universidade da Madeira, dirigido por Liliana Rodrigues, e proporcionou igualmente um espaço de aproximação e diálogo entre os dois arquipélagos portugueses. ■

UNIVERSIDADE DA MADEIRA

Pedagogia em debate

A Universidade da Madeira está a promover, entre 30 de outubro e 14 de dezembro, o ciclo de conferências “Reflexões”. A iniciativa, da responsabilidade do Conselho Pedagógico Universitário, tem como objetivo “promover uma cultura de reflexividade partilhada entre docentes, estudantes e investigadores, capaz de transformar a experiência pedagógica quotidiana em matéria de aprendizagem coletiva e de desenvolvimento institucional”.

Ao longo de três sessões temáticas, o ciclo “pretende constituir-se como uma plataforma de pensamento crítico sobre o ensino e a aprendizagem no contexto universitário, sendo esta capacidade reflexiva essencial para a melhoria da qualidade dos processos de ensino e de aprendizagem e para o bem-estar das comunidades académicas em Portugal”, revela a

UMa em nota enviada ao Ensino Magazine.

A primeira sessão decorre a 30 de outubro, na Sala do Senado (Campus Universitário da Penteada), e terá como tema a avaliação pedagógica no ensino superior: enquadramento, formação e desafios, por Marília Castro Cid, professora da Universidade de Évora.

Segue-se no dia 20 de novembro, no Auditório da Reitoria (Colégio dos Jesuítas), vai falar-se sobre “a Democracia na Universidade e através da Universidade”, por Amélia Veiga, professora da Universidade do Porto. Finalmente, no dia 14 de dezembro, Auditório da Reitoria (Colégio dos Jesuítas), realiza-se a última sessão. “IA generativa no Ensino Superior: da fascinação tecnológica à reinvenção pedagógica” é o tema da conferência, que terá como preletor Luís Tinoca, professor da Universidade de Lisboa. ■



UNIVERSIDADE DA MADEIRA

UMa assinala Dia da Saúde Mental

O Serviço de Psicologia da Universidade da Madeira (SPU-Ma), no âmbito do Dia Mundial da Saúde Mental, assinalado a 10 de outubro, realizou com recurso às Práticas WellBEING UMa, uma iniciativa que pretende levar mensagens de bem-estar ao quotidiano da nossa comunidade académica.

Em nota, a academia explica que “as escadas da Universidade ganharam uma nova cor e significado, com frases que destacam a importância das experiências, das oportunidades, das mudanças, das

conversas e das redes de suporte que fazem parte da vida académica e pessoal”.

“Ser UMa é bem-estar na UMa” é o mote que nos convida a reconhecer que o bem-estar também se constrói nos pequenos momentos, nas relações que estabelecemos e nas experiências que partilhamos ao longo do caminho.

Cada degrau é um convite a fazer uma pausa, a olhar em redor e a valorizar aquilo que contribui para o nosso bem-estar, individual e coletivo. ■



ULO

Leitura inclusiva com projeto

A Universidade de Leiria e Oeste (ULO) acaba de lançar o projeto Leitura Inclusiva Acessível, iniciativa que visa facilitar o acesso à literatura por pessoas com diferentes necessidades, através da disponibilização de obras em formatos acessíveis.

O projeto, disponível no sítio na Internet <https://projetolia.ulo.pt/>, é do Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID), sediado na Escola de Educação e Ciências Sociais da ULO.

À agência Lusa, a coordenadora do CRID, Célia Sousa, afirmou que o LIA surge do ADN deste centro, que se tem dedicado a construir “um livro acessível para todas as pessoas”.

“Esse é um projeto que nos levou à conceção do conceito de livro multiformato”, disse Célia Sousa, referindo que o CRID já editou cerca de uma vintena de livros para o país e fora dele.

Segundo a coordenadora, ao longo de duas décadas, que o centro assinala este ano, o CRID é “também um laboratório onde os alunos” de diferentes cursos e escolas da ULO “têm muitas vezes aulas e ‘workshops’”, sendo que “muitos dos alunos dos mestrados foram construindo eles próprios materiais, ou seja, adaptando livros”. ■

ULO

Resposta digital para a demência

A Universidade de Leiria e Oeste (ULO) está a implementar o projeto Smilight. Um programa, desenvolvido por investigadoras da ULO que procura dar resposta a pessoas com demência através de uma solução tecnológica com atividades terapêuticas personalizadas, que podem ter o apoio da inteligência artificial.

A solução assenta num modelo híbrido, que combina tecnologia e jogos físicos. Através de uma plataforma digital, o profissional ou o cuidador que acompanha o utente cria o perfil do utente, com informações como a idade, escolaridade, atividades de que gosta, grau de autonomia ou o seu estado cognitivo.

No âmbito da demência, as investigadoras estão também a desenvolver o ‘Cortex School Bag’, um projeto que visa a introdução da temática da demência nas escolas do 1.º ciclo, através de um livro infantil musicado, de um jogo de tabuleiro e de um guia para professores. ■

WORLD’S TOP 2% SCIENTISTS

ULO no top internacional

A Universidade de Leiria e Oeste (ULO) coloca, pela primeira vez, seis investigadores no prestigiado “World’s Top 2% Scientists”, desenvolvido anualmente pela Universidade de Stanford e pela Elsevier, disse ao Ensino Magazine instituição portuguesa. A instituição conta ainda com dois investigadores no ranking Career-Long, que avalia o impacto científico acumulado ao longo da carreira.

Os investigadores da ULO que integram a lista Single-Year 2025 são: Carlos Laranjeira, do ciTechCare – Centro de Inovação em Tecnologias e Cuidados de Saúde, em Enfermagem e Saúde Pública; Marco Lemos, do MARE – Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, em Ciências Ambientais e Biologia Marinha; Filipe Rodrigues, do CIDESD – Centro de Inves-

tigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano, em Ciências do Desporto; Diogo Monteiro, do CIDESD, em Ciências do Desporto; Diana Pacheco, do CDRSP – Centro para o Desenvolvimento Rápido e Sustentado de Produto, em Química Medicinal e Ótica; e Eleonora Santos, do CARME – Centro de Investigação Aplicada em Gestão e Economia, em Economia e Gestão.

Já na lista Career-Long figuram Carlos Laranjeira, do ciTechCare, e Geoffrey Mitchell, do CDRSP.

Na informação enviada à nossa redação pela ULO é explicado que o estudo “analisa milhões de investigadores de todo o mundo e identifica os 2% mais influentes, com base nas citações e no impacto do seu trabalho científico”.

Na mesma nota, a ULO recorda que “depois de, há dois anos, ter integrado pela primeira vez um investigador, agora seis investigadores estão na lista dos 2% com maior impacto científico mundial, reforçando a sua posição neste reconhecido ranking internacional”.

Citado na nota de imprensa, Carlos Rabadão, reitor da ULO, sublinha que “este reconhecimento demonstra a capacidade da nossa comunidade científica para produzir conhecimento com impacto e visibilidade no contexto internacional. É um resultado que nos orgulha e que reforça a importância de continuar a investir na investigação, na criação de conhecimento e na sua ligação à sociedade, às empresas e aos territórios”. ■

AOS ESTUDANTES DA ULO

Leiria garante mais apoio

O reitor da Universidade de Leiria e Oeste (ULO), Carlos Rabadão, garantiu o reforço dos mecanismos de acompanhamento e apoio, para que dificuldades económicas ou pessoais não afastem os alunos da academia.

Em Leiria, na sessão solene de abertura do ano académico, o primeiro como ULO, Carlos Rabadão, dirigindo-se aos estudantes, começou por desejar que encontrem na universidade “uma formação sólida e exigente, mas também oportunidades para experimentar, investigar, criar e desenvolver novas ideias”.

“Contarão com o acompanhamento dos nossos docentes e com a dedicação dos nossos técnicos e dos nossos serviços”, afirmou, considerando que o percurso universitário “não deve ser visto apenas como uma preparação para uma profissão”, mas antes “um período de formação intelectual, humana e cívica, de descoberta e de crescimento”.

O reitor reconheceu, contudo, que para que as oportunidades sejam reais, é preciso “olhar para as condições em que cada estudante aprende e vive”.

“O alojamento, a alimentação, a acessibilidade, o apoio social e a saúde mental são parte da qualidade da experiência académica”, defendeu Carlos Rabadão, salientando que a ULO deve “continuar a reforçar os mecanismos de acompanhamento e apoio, para que dificuldades económicas, pessoais ou de saúde não interrompam um percurso de formação”.

Aos estudantes que atravessem dificuldades, o reitor apelou para que procurem apoio na ULO, pois “pedir ajuda é um passo importante para poder continuar”, agradecendo “à Associação Académica e às estruturas de representação dos estudantes” o con-



tributo “para uma universidade participada”.

“A vossa voz é essencial para identificarmos dificuldades, melhorarmos a experiência académica e construirmos respostas em conjunto”, defendeu.

Já o presidente da Associação Académica da ULO, André Pereira, considerou que “há desafios que não desapareceram com a criação da universidade”.

“A habitação continua a ser uma preocupação para muitos estudantes, o acesso e a permanência no ensino superior continuam, em muitos casos, dependentes das condições económicas das famílias, a saúde mental continua a exigir respostas e a participação dos estudantes nas decisões da instituição continuará a depender não apenas da existência de lugares previstos nos regulamentos, mas da capacidade desses lugares terem voz”, alertou

Segundo André Pereira, “tudo isto acon-

tece num momento de mudança no ensino superior português”, elencando o regime jurídico das instituições de ensino superior, a lei do associativismo jovem, as mudanças na ação social e o novo regulamento de bolsas.

“Não somos contra essa mudança, mas uma mudança não é necessariamente uma melhoria só porque é uma mudança, e é precisamente por isso que os estudantes têm de estar presentes, temos de acompanhar estas reformas, participar na sua discussão e avaliar”, prosseguiu o dirigente associativo.

Para André Pereira, pode atualizar-se regulamentos, alterar regimes e criar novos modelos, “mas, no final, há uma pergunta que não pode deixar de ser feita: está mais fácil ou mais difícil ser estudante?”.

“É essa a resposta que deve importar e é nessa resposta que a Associação Académica continuará a colocar a sua intervenção”, assegurou.

A oração de sapiência ficou a cargo do diretor-geral da COTEC Portugal, Jorge Portugal, numa sessão em que a ULO fez um reconhecimento público institucional à empresa Tekever e à Startup Leiria, pelo contributo para o desenvolvimento do território e colaboração mantida com a academia.

A ULO foi criada em julho último por transformação do Instituto Politécnico de Leiria. Tem cinco escolas superiores, três das quais em Leiria (Tecnologia e Gestão, Saúde, e Educação e Ciências Sociais), uma nas Caldas da Rainha (Artes e Design) e outra em Peniche (Turismo e Tecnologia do Mar).

Possui ainda núcleos de formação e 15 unidades de investigação. A sua comunidade académica integra 14.500 estudantes e cerca de 1.650 professores, investigadores, técnicos e administrativos. ■

LUSA

PORTALEGRE EM RANKING INTERNACIONAL

UPP no TOP 2%

✚ A Universidade Politécnica de Portalegre (UPP) reforçou a sua posição no “World’s Top 2% Scientists Ranking”. Além do professor e investigador Paulo Ferreira, que é distinguido pelo quarto ano consecutivo, este ano também o investigador Rui Alexandre Castanho integra o ranking.

Ao Ensino Magazine, a UPP refere que “esta distinção reforça a visibilidade internacional da investigação desenvolvida na Universidade Politécnica de Portalegre e no VALORIZA-Centro de Investigação para a Valorização de Recursos Endógenos, em áreas como as finanças, a economia e a gestão, bem como o planeamento territorial, a sustentabilidade, a cooperação transfronteiriça, a governança territorial e as políticas de desenvolvimento”.

Recorde-se que este ranking



é compilado pela Universidade de Stanford e pela Elsevier e “identifica os 2% de cientistas mundiais com maior impacto do seu trabalho de investigação, considerando um conjunto alargado de domínios científicos”, diz a UPP.

Este estudo contempla duas listas. “Uma que mede o impacto da investigação do último ano

e outra que mede o impacto da investigação ao longo da carreira. Os dois investigadores da UPP integram a primeira lista, sendo que Paulo Ferreira integra também, pela primeira vez, a lista que mede o impacto da investigação ao longo de toda a carreira, que avalia a relevância sustentada do seu trabalho científico regional”, conclui a UPP. ■

UPP

Projetos que valem milhões

✚ A Universidade Politécnica de Portalegre (UPP) está a preparar a submissão de sete candidaturas ao programa Horizonte Europa, até junho de 2028, que podem chegar aos 23 milhões de euros de financiamento. O anúncio foi feito pela instituição em comunicado.

Na nota enviada às redações, a UPP explica que “o principal objetivo” desta aposta passa por “reforçar a presença da investigação” no espaço europeu, no âmbito do projeto “IPP IMPACT”, que a instituição preparou para o efeito.

As candidaturas, segundo a UPP, vão abranger áreas que vão desde a bioenergia às alterações climáticas, economia circular, produção sustentável [agrícola ou animal], educação, território, recursos naturais, ciências sociais ou saúde.

A preparação das candidaturas, que envolvem entre outras questões a contratação de consultadoria, conta com financiamento do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), através do Programa COMPETE2030 – Inovação e Transição Digital.

Com um investimento elegível global de 153.033,90 euros, a



UPP conseguiu um financiamento de 130.078,82 euros, indicou a instituição.

Em declarações à agência Lusa, o pró-presidente para a Investigação, Inovação e Transferência de Tecnologia da UPP, Paulo Ferreira, explicou que “já foi submetida a primeira das sete candidaturas”, nomeadamente um projeto “ligado à ocupação com os territórios”.

Segundo Paulo Ferreira, as sete candidaturas vão ser todas desenvolvidas em consórcio e “o objetivo” é que a UPP lidere todos os projetos.

“O valor global [das candida-

turas] vai depender dos avisos onde nós nos candidatarmos. Neste momento, temos uma [candidatura] já submetida cujo valor máximo é de 3,75 milhões de euros ao nível do consórcio”, disse.

O pró-presidente para a Investigação, Inovação e Transferência de Tecnologia da UPP confessou que “é muito difícil” avançar com um valor total referente ao que vão poder receber das sete candidaturas, mas indica que poderá chegar “aos 22 a 23 milhões de euros”. ■



UPP

Biociências de Elvas assinala aniversário

✚ A Escola Superior de Biociências de Elvas comemorou, no dia 14 de outubro, o seu 30º aniversário. A sessão solene contou com a oração de sapiência a cargo de Joaquim Mourato, atual presidente do Conselho Diretivo do Instituto para o Ensino Superior, ex-Diretor Geral do Ensino Superior e antigo presidente do Politécnico de Portalegre, entre

2009 e 2017, e do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos de 2013 a 2016.

Na cerimónia intervieram ainda a diretora da escola, Rute Santos, o presidente da Câmara de Elvas, José Rondão Almeida e o reitor da Universidade Politécnica de Portalegre, Luís Carlos Loures. ■



PORTALEGRE

UPP acolhe novos docentes

✚ A Universidade Politécnica de Portalegre (UPP) realizou, a 15 de setembro, a terceira edição do evento anual de acolhimento aos novos docentes, Welcome Teachers.

A iniciativa, da Pró-Reitoria para o Ensino e Qualidade, decorreu na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, juntando docentes,

dirigentes e estudantes, procurando responder às principais dúvidas que os recém-chegados professores partilharam, antes da sessão. Durante a iniciativa, que terminou com um Sunset, os novos docentes deixaram a sua mensagem no mural “O professor que quero ser”, que vai ficar exposto durante o ano letivo. ■

Publicidade

WORKJUNIOR.COM

papelaria • centro de cópias • loja académica



☎ 272.342.162 @ loja@workjunior.com facebook.com/workjunior
📍 rua Dr. Jorge Seabra, n.º 14 loja I - 6000-216 Castelo Branco
* chamada para a rede fixa nacional

LUSA



CIDADES RESILIENTES

UPCoimbra
coordena projeto

✚ A Universidade Politécnica de Coimbra (UPCoimbra) vai coordenar o projeto europeu ResSuDSCita – Resilient and Sustainable Drainage Systems for Cities, disse ao Ensino Magazine aquela instituição.

O projeto internacional “pretende desenvolver soluções inovadoras para tornar as cidades mais resilientes às alterações climáticas, através de uma gestão mais sustentável da água pluvial e da adaptação dos territórios urbanos a fenómenos meteorológicos extremos”, esclarece a nota enviada à nossa redação.

De acordo com a UPCoimbra, o projeto está “integrado na Driving Urban Transitions Partnership (DUT), terá uma duração de 36 meses e reúne parceiros de Portugal, Grécia, Polónia, Hungria e Suécia.

A equipa da UPCoimbra é coordenada pelo docente Joaquim Sousa e integra os investigadores Teresa Fragoso, Luís Santos, Alexandra Ribeiro, Silvino Capitão, António Correia, Fernando Moita, Verónica Oliveira, Carla Rodrigues, Sara Proença e Susana Gonçalves. A diversidade de especialidades envolvidas – da hidráulica urbana à inteligência artificial, passando pela geotecnia, ambiente, economia, sensorização e sistemas de informação geográfica – reflete a natureza multidisciplinar do projeto.

A iniciativa conta ainda com a participação da empresa municipal Águas de Coimbra, que apoiará a implementação e monitorização das soluções-piloto. O investimento global ultrapassa um milhão de euros, correspondendo a um financiamento solicitado de cerca de 968 mil euros.

Citado na mesma nota, Joaquim Sousa, coordenador da equipa da UPCoimbra, explica que o projeto surge num momento em que as cidades enfrentam desafios crescentes relacionados com as alterações climáticas, a gestão da água, a artificialização dos espaços urbanos e a necessidade de valorizar resíduos industriais. ■

INOVAÇÃO E INVESTIGAÇÃO

UPC apresenta estratégia

✚ A reitora da Universidade Politécnica de Coimbra (UPCoimbra), Cândida Malça, apresentou algumas das linhas da Estratégia de Investigação, Inovação e Valorização do Conhecimento da instituição, no âmbito do Horizonte 2035.

A reitora falava durante a primeira edição de “Ciência em Palco - Jornadas Científicas UP-Coimbra”, no passado dia 22 de setembro. Cândida Malça considera que “a estratégia assenta numa visão de UPCoimbra em REDE — do Conhecimento ao Impacto, procurando aproximar pessoas, competências, unidades de investigação, infraestruturas, estudantes e parceiros”.

No seu entendimento, e citada em nota enviada pela sua universidade, “o objetivo passa por produzir conhecimento, ligá-lo através de redes de colaboração, transformá-lo em valor e fazer com que esse valor tenha impacto na sociedade”.

A ligação entre investigação e território constitui também



A reitora apresentou a estratégia para a inovação

uma dimensão central desta visão. Cândida Malça fala no “desenvolvimento do Coimbra Innovation Campus, concebido como uma rede de pessoas, espaços, laboratórios, equipamentos, competências e parceiros, aberta às empresas, municípios, instituições públicas, organizações sociais e culturais e comunidades”.

A reitora sublinha o facto “desta estratégia prever ainda melhores condições para quem investiga, através da simplificação de processos, redução da

burocracia, apoio ao talento, reforço da formação e mentoria e participação em redes nacionais e internacionais e em projetos competitivos. A valorização da investigação deverá considerar, além da produção científica, dimensões como a colaboração, a inovação, a formação de talento, a valorização do conhecimento e o impacto produzido”.

As Jornadas Científicas decorreram no Auditório José Joaquim Marques de Almeida, no ISCAC, reunindo estudantes, diplomados, docentes, investi-

gadores, dirigentes, empresas, instituições e parceiros da Universidade. O programa integrou “sessões plenárias, apresentações orais, sessões temáticas, mesa-redonda com empresas da região e exposição de pósteres científicos. A iniciativa integrou também a programação da Semana da Ciência UNIGreen”.

Cândida Malça frisou ainda que “uma Universidade não pode limitar-se a transmitir conhecimento já existente, devendo também produzir, questionar, atualizar e fazer avançar o conhecimento. A investigação assume, neste contexto, uma dimensão que ultrapassa a própria academia. A UPCoimbra pretende desenvolver uma investigação cientificamente rigorosa e ambiciosa, mas também aplicada, colaborativa, interdisciplinar e próxima das pessoas, das organizações e dos territórios, contribuindo para resolver problemas, melhorar processos, criar produtos e serviços e gerar novas oportunidades”. ■

CONSELHO GERAL E CIMBB ALINHADOS

UPGuarda quer ser Universidade

✚ O Conselho Geral da Universidade Politécnica da Guarda (UPG) aprovou, por unanimidade, uma moção que manifesta a vontade de converter o seu atual estatuto em universidade, à semelhança do que aconteceu com outros antigos institutos politécnicos. Posteriormente, também a Comunidade Intermunicipal da Região das Beiras e Serra da Estrela (CIMRBSE) apoiou, por unanimidade a conversão da Universidade Politécnica da Guarda em universidade tendo solicitado ao Governo que “aprecie favoravelmente” a proposta apresentada.

Em comunicado, a UPG referiu que a deliberação do Conselho Geral assume a conversão como um objetivo estratégico e confere ao reitor, Joaquim Brigas, mandato para “preparar a respetiva fundamentação técnica e desenvolver os contactos necessários junto do Governo e das entidades competentes” para obter a alteração de estatuto.

“Esta decisão não representa a conclusão do processo nem uma



“Este não é um projeto de uma pessoa ou de um órgão, mas uma ambição partilhada”, diz Joaquim Brigas

alteração imediata da natureza da instituição”, afirmou o reitor, salientando que a conversão depende da aprovação de um decreto-lei, da emissão dos pareceres legalmente exigidos e da demonstração do cumprimento dos requisitos aplicáveis às universidades.

Através da moção sustenta-se que a iniciativa assenta na evolução académica, científica e institucional da UPG, nomeadamente na formação doutoral, na qualificação do corpo docente, no desenvolvi-

mento da investigação, na participação em projetos nacionais e internacionais, na integração na Aliança Europeia UNITA e na acreditação institucional por seis anos e sem condições.

À semelhança dos antigos institutos politécnicos do Porto, de Leiria e de Bragança – aos quais o Governo atribuiu os estatutos de “universidade técnica” e de “universidade” – a UPG considera cumprir todos os requisitos para aceder a igual classificação.

A passagem a universidade pretende “reforçar a capacidade da UPG para atrair e fixar talento, promover a inovação e contribuir ainda mais para o desenvolvimento e a coesão do território” na sua área de influência.

“A aprovação unânime demonstra que este não é um projeto de uma pessoa ou de um órgão, mas uma ambição partilhada por toda a instituição”, sublinhou Joaquim Brigas.

O reitor considerou que a UPG possui razões sólidas para iniciar o processo e “tem a responsabilidade de demonstrar, com rigor, as condições necessárias para o concretizar, reforçando o seu contributo para a região e para o país”.

Na sequência desta deliberação, a UPG comunicou formalmente ao Governo a decisão de avançar com a candidatura e irá preparar o dossiê técnico que sustentará a sua proposta, tendo ainda solicitado uma reunião com o ministro da Educação, Ciência e Inovação. ■

LUSA

UNIPS ASSINA ANIVERSÁRIO

Reitora desafia comunidade

✚ A Universidade Politécnica de Setúbal (UNIPS) assinalou, dia 7 de outubro, o seu 47.º aniversário, naquela que foi o seu primeiro Dia enquanto universidade. Antes da sessão foi inaugurado um espaço de inovação pedagógica.

No evento, que marcou o arranque do início do ano letivo e de um novo ciclo institucional, Ângela Lemos, reitora da UNIPS, desafiou a comunidade académica a “fazer uma reflexão coletiva, sobre que universidade queremos construir a partir daqui?”.

No seu entender, “a recente passagem de instituto a universidade politécnica reconhece “a maturidade académica e científica que alcançámos, mas mudar de nome é a parte mais fácil. O verdadeiro desafio começa depois”.

Citada em informação enviada ao Ensino Magazine, a reitora reforçou a ideia da matriz da sua instituição. “Somos uma instituição politécnica e queremos ser universidade precisamente a partir dessa identidade, e não apesar dela”, sublinhou, apontando traços distintivos como a proximidade com os territórios e as suas empresas e organizações e a forte componente prática e experimental do ensino ministrado.

“Sendo uma instituição de proximidade, a UNIPS não pode ignorar que o mundo, as profissões, as ferramentas de trabalho e estudo, mas também os estudantes aqui em formação, estão igualmente em rápida mudança. É por isso que a UNIPS está a refletir estrategicamente sobre a sua formativa. Queremos aproximar o ensino da investigação, da inovação e dos problemas reais da sociedade e é essa visão que inspira o novo espaço pedagógico da UNIPS”.

Ângela Lemos falou ainda do novo espaço de inovação inaugurado - One Button Studio -, um novo recurso de apoio à produção autónoma de conteúdos audiovisuais,



A UNIPS distinguiu os seus colaboradores com mais anos de serviço

associado ao futuro Laboratório de Inovação Pedagógica, atualmente em desenvolvimento no âmbito do SAPIEN – Centro de Excelência para a Inovação Pedagógica no Ensino Superior.

A questão do subfinanciamento da Universidade foi também focado pela reitora. “Os constrangimentos de financiamento limitam a capacidade de as instituições de Ensino Superior cumprirem uma das suas grandes missões: atrair, descobrir, desenvolver e reter talentos nos territórios. Não podemos construir uma universidade para o futuro dependendo permanentemente de

financiamento extraordinário para responder a necessidades estruturais”.

A sessão solene começou com uma intervenção do presidente da Comissão Instaladora do Instituto Politécnico de Setúbal (1988-1991), Júlio Montalvão e Silva, que de forma precisa explicou os desafios e as dificuldades. A oração de sapiência esteve a cargo de Luís Castro, vice-reitor da Universidade de Lisboa e membro do Conselho Nacional para a Inovação Pedagógica no Ensino Superior (CNIPES), que refletiu sobre “O futuro da aprendizagem no Ensino Superior”. ■

Magazine entrega bolsa

✚ Durante a sessão foram distinguidos os melhores estudantes da UNIPS pela Ensino Magazine, Fundação Santander Portugal e AICEP Global Parques, bem como os trabalhadores com mais anos de “casa”. Subiram ainda ao palco o diplomado Pedro Vitoriano, que recebeu o Prémio Carreira Alumni 2026, e os docentes Luís Coelho e Fernando Almeida (jubilado), a quem foram atribuídos, respetivamente, os títulos de Professor Benemeritus e Professor Emeritus. O diploma de Instituição de Mérito Socio-profissional foi este ano atribuído à Ordem dos Contabilistas Certificados, e o diploma de Instituição Benemerita homenageou a Câmara Municipal de Sines. ■

UNIPS

Escola de Sines avança

✚ A nova escola superior da Universidade Politécnica de Setúbal (UNIPS) iniciou a atividade letiva em Sines, no distrito de Setúbal, no passado dia 6 de outubro, com uma oferta de 82 vagas.

A Escola Superior de Sustentabilidade, Indústria e Tecnologias Digitais (ESSITD) vai funcionar provisoriamente nas instalações do Sines Tecnopolo, explicou a universidade politécnica, numa resposta por escrito a questões colocadas pela agência Lusa.

Segundo o presidente da Comissão Instaladora da ESSITD/UNIPS, João Pires, as atividades letivas vão começar “no dia 06 de outubro”, em parceria com a Escola Superior de Ciências Empresariais e a Escola



Superior de Tecnologia de Setúbal da UNIPS.

Nesta primeira fase, a escola irá disponibilizar os Cursos Técnicos Superiores Profissionais (CTeSP) em Logística (19 vagas),

Automação, Robótica e Controlo Industrial (20), Manutenção Industrial (23) e uma Pós-graduação em Logística Marítima e Portuária, com 20 vagas. ■

CTESP

Beja abre candidaturas para cursos profissionais

✚ A Universidade Politécnica de Beja (UPBeja) tem abertas até 20 de outubro, as candidaturas à 3.ª fase do Curso Técnico Superior Profissional (CTeSP) em Turismo de Fronteira e Eurocidade, para o ano letivo 2026/2027.

Promovido pela Universidade Politécnica de Beja, em parceria com a Escola de Hotelaria e Turismo do Turismo de Portugal, em Vila Real de Santo António, o curso disponibiliza 23 vagas nesta fase de candidaturas.

Com a duração de dois anos letivos, correspondentes a quatro semestres e 120 créditos ECTS, o CTeSP confere o diploma de Técnico Superior Profissional e proporciona formação especializada na área do turismo, valorizando as dinâmicas territoriais, a cooperação transfronteiriça e as oportunidades associadas à Eurocidade. ■



INVESTIGAÇÃO

MARE reúne-se em Setúbal

✚ A Universidade Politécnica de Setúbal (UNIPS) acolheu, nos dias 8 e 9 de outubro, o encontro anual do MARE – Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, disse ao Ensino Magazine aquela instituição.

Esta foi a primeira vez que a UNIPS recebeu a reunião nacional de uma das maiores estruturas de investigação científica do país nesta área. Citado em nota enviada à nossa redação, Ricardo Salgado, coordenador da unidade regional MARE-UNIPS, destacou as oportunidades de cooperação científica e de formação avançada proporcionadas pelo encontro, tanto para os investigadores da Universidade como para as restantes equipas que integram o centro.

Ao longo de dois dias, cerca de 180 investigadores, de uma comunidade que reúne aproximadamente 700 elementos, entre oito unidades regionais de investigação, participaram em reuniões de trabalho, sessões das linhas temáticas e momentos de reflexão sobre o futuro do centro. ■



UNIVERSIDADE EUROPEIA Santarém recebe ACE²-EU

✚ A Universidade Politécnica de Santarém (UPSantarém) acolheu quatro eventos da aliança europeia ACE²-EU, entre 28 de setembro e 1 de outubro. Os eventos são um “marco para a aquela academia portuguesa e constituíram uma demonstração inequívoca do seu compromisso com a construção da aliança europeia”, disse ao Ensino Magazine a UPSantarém.

Durante quatro dias foram debatidos temas como bem-estar social ou garantia da qualidade e aos cursos conjuntos. Assuntos que fazem parte da “estratégia da ACE²-EU, reforçando o contributo da UPSantarém para uma universidade

europeia mais coesa, inclusiva e orientada para o futuro”, diz a mesma nota enviada à nossa redação.

O evento teve início na Escola Superior Agrária, com o Social Impactors Knowledge Creation Team Workshop, que decorreu até dia 30. A 29 de setembro, arrancou a reunião presencial do Work Package 2 (WP2), que se prolongou até 1 de outubro. Os grupos de trabalho WP2 e Garantia da Qualidade prepararam a reunião anual de presidentes e reitores, com decisões sobre o quadro de garantia da qualidade, o conselho académico, o processo de aprovação e a lista prioritária de cursos conjuntos. ■



AUDIOVISUAL Docente da UPCA ganha prata

✚ Francisco Modesto, docente da Universidade Politécnica do Cávado e do Ave (UPCA) e subdiretor do curso de CTESP em Audiovisual Digital, e a designer e Isa Marita Romão, de Prata no Graphis Design Annual 2027, em Nova Iorque, pelo trabalho de identidade visual desenvolvido para a União Zoófila, anunciou aquela instituição de ensino.

Para a UPCA, “a distinção reconhece a criatividade e a inovação de um projeto que procurou renovar a comunicação da organização, com mais de 70 anos de atividade na proteção animal, através do conceito «Fica». A ideia centra-se na permanência, no cuidado e na responsabilidade assumida na relação com os animais, para além do ato de resgate”.

Para este projeto os dois desig-

ners criaram a tipografia Rafeira, a qual foi concebida especificamente para o projeto. Inspirada na diversidade e resiliência dos animais sem raça definida, a tipografia apresentada foi um dos elementos diferenciadores da identidade. “A sua construção integra referências às 24 freguesias de Lisboa, aproximando a identidade da organização do território e da comunidade que procura mobilizar”, refere a Universidade.

Na informação disponibilizada ao Ensino Magazine, a UPCA revela que o trabalho “foi desenvolvido pro bono e divulgado sem investimento em publicidade paga, o projeto alcançou mais de 40 mil visualizações orgânicas, com 92,5% do alcance proveniente de pessoas que ainda não seguiam a organização”, segundo os dados disponibilizados pelos designers. ■

INVESTIGADOR INTEGRA LISTA

UPCA no World's Top

✚ O investigador da Universidade Politécnica do Cávado e do Ave (UPCA, Bruno Barbosa Sousa, integra o 2026 do World's Top 2% Scientists, disse ao Ensino Magazine aquela instituição.

Em nota, a UPCA refere que Bruno Barbosa Sousa, investigador da UPCA, foi incluído naquela que é uma das principais referências internacionais de impacto científico.

Diretor da Escola Superior de Hotelaria e Turismo da UPCA, Bruno Barbosa Sousa tem desenvolvido a sua investigação “nas áreas do Marketing, da Gestão e do Turismo, com especial enfoque no marketing turístico, no comportamento do consumidor, na estratégia e na valorização dos



destinos”, adianta a universidade.

Os seus trabalhos têm permitido aferir como as experiências, as emoções e a relação das pessoas com os territórios influenciam a satisfação, a fidelização e a competitividade dos destinos turísticos. ■

A mesma informação explica que “a lista é elaborada com base em dados bibliométricos da Scopus e foi desenvolvida por investigadores da Universidade de Stanford, em colaboração com a Elsevier. Identifica os cientistas com maior impacto à escala mundial, em diferentes áreas do conhecimento, tendo em conta duas dimensões: o impacto acumulado ao longo da carreira e o impacto num determinado ano”.

A UPCA acrescenta que “esta presença reforça a visibilidade internacional da investigação realizada na instituição e o seu compromisso com a excelência científica, a produção de conhecimento e a valorização do impacto da investigação”. ■



UNIVERSIDADE POLITÉCNICA COM FORTES INVESTIMENTOS

Santarém aposta na eficiência energética

✚ A Universidade Politécnica de Santarém (UPSantarém) concluiu e tem em curso obras que visam melhorar a eficiência energética de diferentes edifícios. O investimento é apoiado pelo Fundo Ambiental e pelo Plano de Recuperação e Resiliência.

Segundo fez saber a instituição, “as obras de requalificação e eficiência energética da Residência de São Pedro da Universidade Politécnica de Santarém, encontram-se já em plena execução. Esta intervenção integra o conjunto de operações promovidas pela Universidade no âmbito da melhoria da eficiência energética e sustentabilidade das suas infraestruturas, estando alinhada com os objetivos estratégicos definidos no Plano de Eficiência ECO.AP 2030

e com as metas nacionais de transição climática e energética”.

A Universidade adianta que “os trabalhos em curso permitirão alcançar uma redução anual de consumo de energia primária em 164 827 kWhEP, correspondente a uma redução anual 42%”.

Segundo aquela academia, com as obras, “fica demonstrada a relevância estratégica desta operação para a concretização dos objetivos mencionados no Regulamento acima referido e o seu contributo para a convergência económica, promovendo o crescimento sustentável e contribuindo para a autonomia estratégica da União Europeia gerando valor acrescentado europeu”.

Na informação partilhada, a UPSantarém adianta que “com

esta operação, a Universidade contribui diretamente para os objetivos nacionais de: Redução de 40% dos consumos de energia primária; Contribuir para que 10% do consumo de energia seja assegurado por soluções de autoconsumo com origem em fontes de energia renovável; Reduzir em 20% o consumo de água; Reduzir materiais em 20%; e alcançar 5% de taxa de renovação energética e hídrica dos edifícios pelo ECO.AP (ou seja, das entidades da Administração Pública direta e indireta, incluindo serviços centrais e periféricos).

Além daqueles investimentos encontram-se “em fase de acabamentos, as intervenções nos edifícios da Escola Superior Agrária de Santarém e da Escola Superior Desporto de Rio Maior”. ■

APRENDIZAGEM

UPBeja com novo método

✚ A Universidade Politécnica de Beja (UPBeja) e a Santa Casa da Misericórdia daquela cidade alentejana, estão a desenvolver um projeto de Aprendizagem Baseada em Desafios (ABD/Challenge-Based Learning – CBL). A iniciativa surge no âmbito da unidade curricular de Métodos e Técnicas de Investigação em Ciências Sociais, do 2.º ano da Licenciatura em Serviço Social, estudantes na Universidade Politécnica de Beja, refere a instituição de ensino.

A primeira sessão de trabalho da fase de exploração decorreu no dia 1 de outubro, com a participação das duas técnicas responsáveis pelo Banco do Tempo e pelo Programa de Voluntariado da Santa Casa da Misericórdia de Beja.

De acordo com a Universidade, “a iniciativa integra a aposta da UPBeja na inovação das práticas pedagógicas, reforçada pelas experiências de formação e colaboração desenvolvidas no



âmbito da participação na Aliança Universitária Europeia HEROES – Higher Education for Resilience-Oriented and Empowered Societies”.

Com coordenação da docente Sandra Saúde, “a iniciativa tem como objetivo contribuir para a identificação dos fatores que influenciam e possam estimular a participação da comuni-

dade local no Banco do Tempo e no Programa de Voluntariado da instituição, bem como para a reflexão sobre o impacto social destas duas iniciativas”.

Segundo a informação partilhada com a nossa redação, “o Banco do Tempo assenta numa lógica de economia de tempo, em que a unidade de troca é a hora de serviço prestado”. ■



LISBOA

UPL e Cabo Verde juntos

✚ A Universidade Politécnica de Lisboa (UPL) e a Universidade de Cabo Verde (Uni-CV) deram mais um passo para o reforço da cooperação entre as duas instituições. No passado dia 28 de setembro, a reitora da academia africana, Astrigilda Silveira, foi recebida em Lisboa. O encontro, segundo revela a UPL, abriu “novas perspetivas de cooperação no ensino, na investigação, transferência de conhecimento, e contribuindo para o estreitamento das relações académicas entre Portugal e Cabo Verde”.

Nesta deslocação à UPL a comitiva de Cabo Verde, além da reitoria, visitou o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (ISEL). “Ao longo do encontro, foram identificadas várias áreas de interesse comum, com particular destaque para a modernização dos sistemas de gestão académica e administrativa. A UPL deu a conhecer algumas das soluções tecnológicas utilizadas na instituição, incluindo ferramentas de código aberto para a gestão

documental e de processos e o sistema SIGES Constellation”, refere a UPL na sua página oficial de internet, que abre a porta “à discussão de possíveis formas de colaboração no processo de transformação digital da Uni-CV”.

No âmbito da cooperação foi ainda discutida a possibilidade de cooperação ao nível da formação e a investigação na área das engenharias, “como o apoio à avaliação dos cursos de engenharia civil e engenharia mecânica, a colaboração no desenvolvimento de infraestruturas laboratoriais e a criação de oportunidades de formação avançada para docentes, através de mestrados e doutoramentos em regime híbrido”.

O encontro permitiu ainda explorar perspetivas de trabalho conjunto nos domínios da transição energética, investigação aplicada e mobilidade académica, bem como iniciativas de prestação de serviços que possam beneficiar da experiência e das competências das duas instituições. ■



ONDE NASCEM OS PIRILAMPOS

UPL leva filme a Espanha

✚ A curta-metragem “Onde Nascer os Pirlampos”, realizada por Clara Vieira e produzida pela Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC) da Universidade Politécnica de Lisboa (UPL) foi selecionada para a secção Nesta da 74.ª edição do Festival de San Sebastián, em Espanha. A informação foi partilhada pela UPL.

Destinados a estudantes de escolas de cinema, o Festival é um dos mais conceituados da Península Ibérica. “Onde Nascer

os pirlampos” foi uma das 14 obras selecionadas, entre as 503 candidaturas apresentadas (de 232 escolas de 61 países) e competirá na secção NEST, até 25 de setembro.

Na informação partilhada na sua página oficial de internet, a UPL revela que os 14 filmes “representam 13 países e concorrem ao Prémio Laboratório de Cinema e Audiovisual Tabakalera-Nest, no valor de 10 mil euros”.

A curta-metragem foi produzi-

da na unidade curricular Seminário de Produção de Filmes V, com a participação da turma finalista de 2025/2026 da ESTC, e teve a sua estreia mundial no Festival de Cannes.

“Onde Nascer os Pirlampos” conta as aventuras de um “grupo de adolescentes durante um acampamento, explorando as relações afetivas, a descoberta da identidade e a incerteza perante o futuro”, revela a mesma nota. ■

AULA ABERTA

Beja debate Cyberbullying

✚ A Universidade Politécnica de Beja (UPBeja) realizou, no passado dia 9 de outubro, uma Aula Aberta sobre «(Cyber)Bullying em idade escolar: Estratégias práticas para Escolas, Técnicos e Famílias». A iniciativa foi dinamizada por Luís Fernandes, psicólogo e especialista em projetos de combate ao bullying em contexto escolar.

O evento fez parte do plano de atividades do Núcleo Psicopedagógico dos Serviços de Ação Social da Universidade Politécnica de Beja (UPBeja) e “teve como objetivo promover a reflexão e a aquisição de conhecimentos e es-



tratégias práticas de prevenção e intervenção perante situações de bullying e cyberbullying em contexto escolar”, explica a UPBeja em nota.

A atividade contou com a presença de 30 estudantes do 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e do 1.º ano do CTEP de Apoio à Infância. ■



PEDRO BOUCHERIE MENDES, JORNALISTA

‘Portugal é um absoluto caso de sucesso’

✚ A «Expo’98», o advento da televisão privada e a construção de infraestruturas. Estas são apenas algumas marcas fortes da inesquecível década de 90, que Pedro Boucherie Mendes analisa ao detalhe no seu último livro.

Nos dois livros, «A Década Prodigiosa: Crescer em Portugal nos Anos 80» e o mais recente, «A Década Fabulosa — Fazer pela Vida em Portugal nos Anos 90», parte muito da sua experiência pessoal para retratar transformações profundas da sociedade portuguesa. Onde termina a sua memória individual, nasceu em 1970, e começa aquilo que considera ser a memória de uma geração?

Tentei em consciência não tomar a parte pelo todo. Aliás, tive o cuidado de o referir várias vezes. Contudo, e por circunstâncias casuais, a verdade é que cresci no epicentro de onde tudo acontecia, ou seja, a região da Grande Lisboa. Não sei como teria sido se tivesse crescido no Funchal ou em Faro, admito. Nesse sentido, as minhas memórias sobre sítios, acontecimentos e personalidades são comuns a muitos milhares que viveram e cresceram na Grande Lisboa. Nunca vivi em bairros degradados, mas andei em escolas onde chovia, em pavilhões provisórios e etc. Joguei futebol na rua. Cheguei muitas vezes com os sapatos cheios de lama a casa. O que quero dizer é que o Portugal a seguir ao 25 de abril era muito igualitário em muitas coisas, sobretudo nestas de situações difíceis e provisórias.

Em «A Década Prodigiosa», descreve os anos 80 como uma década em que Portugal começa verdadeiramente a entrar na modernidade. Que mudanças dessa época considera terem sido decisivas para o país que somos hoje?

A TV a cores a partir de 1980. A adesão à CEE, em 1986. A normalização da democracia, a partir da maioria absoluta do PSD, em 1987. O começo da explosão dos novos media — «O Independente», em 1988, a TSF, ainda em versão “pirata” e outras rádios. A vida noturna lisboeta a partir do “Frágil” (1982). Ao mesmo tempo, uma vaga de construção de estradas, escolas e outras infraestruturas. As mudanças, para melhor, notavam-se.

Depois de olhar para os anos 80 e 90 com a distância de várias décadas, que retrato de Portugal gostaria que estes dois livros deixassem: o de um país que progrediu extraordinariamente ou o de um Portugal que continua, de alguma forma, à procura de um rumo e de uma ideia?

Um país e um povo, um grupo de pessoas, muito melhor do que aquilo que acha que é. Portugal é um absoluto caso de sucesso. E nós todos, os que andámos por cá nos últimos 50 e poucos anos, estamos de parabéns. Isto não significa que não existam incontáveis defeitos. Basta pensar que há uma maneira de ser e de nos comportarmos que não passa por incendiar automóveis, ocupar casas, agredir os outros, a torto e a direito. Há uma temperança que continuamos a manter e nos devia orgulhar.

Nos anos 90, Portugal passou de uma sociedade ainda marcada por grandes carências para uma sociedade de consumo e de afirmação de uma vibrante classe média. O espírito e o impulso da «Expo’98» terá sido um dos marcos mais icónicos. Quais seriam as suas escolhas se lhe pedisse para selecionar dois ou três acontecimentos mais transformadores nessa década apelidada de «vacas gordas»?

As medidas que conduziram à liberalização e acesso ao crédito à habitação. A TV privada, em especial na área da informação e do jornalismo que colocou os políticos mais em sentido. E a aposta continuada nas infraestruturas, tanto no governo PSD como no governo PS que se seguiu, a partir de 1995.

Em Portugal e também no estrangeiro, são vários os autores que lançaram livros de retrospectiva sobre as décadas de 80 e 90. Acredita que esta tendência é sinal de que há uma sede de revivalismo ou é uma forma de a sua geração prestar tributo e recordar a adolescência e o início da idade adulta?

Não consigo pensar nisso nesses termos. Não sou nada nostálgico. Contudo, e desde há uns anos, posso dizer que descobri que a gratidão é a qualidade humana que mais valorizo. Os meus livros são em larga medida uma homenagem e uma demonstração de gratidão para com pessoas (como Herman José, Carlos Lopes, Miguel Esteves Cardoso, Júlio Isidro, João Garcia, as pessoas que fizeram a «Expo», etc.) que se destacaram e melhoraram o país. Quero acreditar que daqui a 100 ou 200 anos, alguém possa descobrir Herman José, como muitos descobrem hoje Gil Vicente ou Bordallo Pinheiro.

No que à educação diz respeito, viveu de perto, como estudante, a contestação às propinas que marcou a primeira metade da década. Em 1994, os protestos estudantis deram origem à expressão «geração rasca». Que memória guarda desse momento e até que ponto considera que aquela contestação revelou uma mudança na relação da sua geração com a política, com a educação e com o próprio país?

Lembro-me como se fosse ontem. Foram tempos de grande agitação e confusão. Na altura, como hoje, tenho mais que fazer do que andar em manifestações e já era licenciado em 1994. O que posso dizer, contudo, é que aquelas pessoas saíam à rua com muita facilidade. Havia muita energia. É sempre de saudar que as pessoas lutem por aquilo que acreditam. De alguma maneira aqueles protestos são filhos do sucesso de anos precedentes. Aqueles miúdos queriam ainda mais coisas do que aqueles que seriam os da minha idade.

A primeira década do século XXI, em que segundo diz se extinguiu definitivamente o es-

pírito da década de 90, precisamente na final do «Euro 2004», vai merecer, da sua parte, um livro nos mesmos moldes dos dois editados anteriormente?

Acho e de certo modo espero que não! É muito cansativo viver no passado. Estamos sempre a tomar notas das coisas mais insignificantes, os assuntos enfiam-se em nós, há um pavor de deixar coisas importantes de fora, que possam manchar a empreitada. Também penso, sem conseguir explicar exatamente o motivo, que já não é uma missão para mim. Que venha outro(a).

O jornalismo dos anos 90 permitia uma relação com o tempo, com a reportagem e com a própria profissão muito diferente da atual. A Internet democratizou a informação ou, na sua opinião, acabou por fragilizar o jornalismo?

Acho que não há jornalismo enquanto definição estanque. Acho que há reporte. Há mediação. Há informação que se partilha. Publicar os cinemas e as farmácias de serviço tem uma dignidade total. Como denunciar más práticas numa câmara municipal. O problema é que nunca podemos garantir efetivamente o que seja a “verdade”. Mas há muito jornalismo que acha que é a “verdade” só por ser jornalismo. A palavra jornalismo é como uma bandeira que se abana. Eu sou jornalista, logo sou isento, puro como água do Luso e um agente do Bem. Ora, nenhum de nós é sempre assim. Ser manipulado pelos “maus” acontece. Mas ser manipulado pelos “bons”, também... Por isso fiz os meus livros na primeira pessoa e tive o cuidado de explicitar que no caso A, B, C era a minha opinião ou convicção. Aquelas são as minhas versões e entendimentos sobre as décadas de 80 e 90, não a “verdade” total. A internet fragiliza na medida em que a abordagem a um assunto nunca mais acaba. Ainda bem em muitos casos, mas noutros, só adiciona complexidade e ruído. É evidente que é positivo que os temas sejam escapelizados até ao tutano, mas muitas vezes passa-se para um plano em que o que interessa é adicionar mais um detalhe e não propriamente resolver seja lá o que for.

A experiência humana vive com imperfeições. Muitas vezes o jornalismo enche o peito e aspira a essa perfeição como missão de vida. Agora, obviamente, é melhor que haja Internet tal como está, do que uma Internet regulada por algum agente exterior.

A televisão privada foi uma das grandes transformações dos anos 90, com o nascimento da SIC, a 6 de outubro de 1992, e poucos meses depois, em 1993, a TVI, e é também um elemento central do retrato que faz dessa década. O que mudou realmente na sociedade portuguesa quando os espetadores deixaram de ter a opção única dos dois canais públicos?

As pessoas passaram a ver-se na TV. Eram eles e elas quem estava ali e já não apenas os artistas, músicos e apresentadores. Hoje em dia, ser participante num programa de TV é um modo de vida, tanto o público como essas pessoas que aparecem, perderam uma certa inocência que, entretanto, se perdeu, mas que existia naqueles primeiros tempos de SIC e TVI.■

Nuno Dias da Silva
Direitos Reservados

CARA DA NOTÍCIA

Diretor da SIC Radical

✚ Pedro Boucherie Mendes nasceu em 1970, em Angola, e cresceu na Parede, na Linha de Cascais. É jornalista, escritor e diretor de televisão, licenciado em Comunicação Social pela Universidade Nova de Lisboa. Atualmente, trabalha na SIC, onde desempenha funções de direção na área dos conteúdos digitais de entretenimento e dirige a SIC Radical, canal onde apresenta o programa «Irritações». ■



saber mais em:
www.ensino.eu



CRÔNICA DE SALAMANCA

Supremacismo Anglosajón en la Universidad

✚ Un título tan asertivo como el que encabeza esta columna a más de un lector le puede parecer exagerado, sin duda. Reconocemos que con su uso al frente buscamos llamar la atención sobre un fenómeno universitario de nuestro tiempo, en el espacio mundial, que se aproxima de forma creciente a lo que entendemos por supremacismo. Nosotros buscamos aquí ubicarlo en el plano en que se mueve la educación superior y las universidades, pero es evidente que trasciende el marco universitario en que aquí nos situamos.

El significado más usual del concepto y palabra supremacismo expresa la defensa y el convencimiento de la superioridad de un pueblo sobre otro, de una etnia sobre otra, de una lengua sobre otra. Generalmente se refiere a la posición preeminente y excluyente de la considerada raza blanca sobre la negra, amarilla, o cobriza. Inicialmente el supremacismo tiene procedencia europea, y así se manifiesta en poblaciones con ese origen, aunque se ubiquen en otros continentes. Ello, es evidente, tiene consecuencias obvias en la educación de los pueblos y en sus instituciones, escuelas o universidades.

Uno de los ejemplos más sangrantes del supremacismo lo encontramos en el continente africano, en el extenso territorio de Sudáfrica, donde se han desarrollado las luchas más vehementes contra el apartheid. Una de las figuras más destacadas de ese movimiento en pro de la defensa de los derechos de los negros frente a los blancos colonizadores ha sido el líder negro Nelson Mandela. Pero conviene detenernos con brevedad en recordar el pensamiento supremacista que sostiene tales prácticas que van en contra de los derechos fundamentales de las personas. Aludimos a Sudáfrica.

El joven inglés Cecil Rhodes (1853-1902), más tarde uno de los hombres más ricos del mundo en su tiempo por sus negocios mineros, y de diamantes sobre todo, fue uno de los artífices de ese pensamiento reaccionario, gestado

en el contexto sudafricano y desde una posición de dominio por parte de los ingleses como potencia colonizadora sobre los pueblos africanos originarios. Así lo recoge en su texto, *“Confesión de fé”* (1877), *“carente de escrúpulo alguno, y cito ‘Mi principal objetivo en la vida es ser útil a mi país, Inglaterra. Yo afirmo que somos la mejor raza de la tierra, y que la absorción de la mayor parte del mundo bajo nuestro gobierno significará el fin de todas las guerras. Si Dios tiene un plan, hay que saber primero cuál es la raza que Dios ha escogido como divino instrumento para su plan. Incuestionablemente esa raza es la blanca. Los blancos han alcanzado la cima en el esfuerzo de la existencia y logrado el más alto nivel de perfección humana. Dentro de la raza humana el hombre anglohablante, sea británico, americano, australiano o sudafricano, ha demostrado ser el mejor instrumento del plan divino para desarrollar la Justicia, la Libertad y la Paz en la más amplia extensión posible del planeta. Por eso yo dedicaré el resto de mi vida a los propósitos de Dios y le ayudaré a lograr que el mundo sea inglés’”*.

Desde tales supuestos ideológicos se desarrolló la barbarie imperialista inglesa, no solo referida África, sino proyectada en todos los continentes. Uno de los más expresivos ha sido, y es, sin duda, el de los actuales Estados Unidos, donde están muy de actualidad estos comportamientos e ideas decididamente supremacistas. Trump es una buena expresión de todo ello, pero también muchos millones de ciudadanos de aquel país que siguen y votan sus directrices.

De una forma algo más suavizada, pero real, se ha ido imponiendo este supremacismo anglófono en las formas de concebir la educación familiar y escolar, incluida la universidad. Pero no solamente en los actuales USA, sino por doquier, en todo el mundo. Desde una posición neocolonial e imperialista se ha ido difundiendo en las universidades de todo el mundo la preeminencia

de la cultura y la lengua inglesa, con la inevitable consecuencia de ir anulando poco a poco otras tradiciones y prácticas universitarias, como por ejemplo las que representan en Europa modelos tradicionales de universidad como el francés o el alemán.

Lenguas tan importantes y socialmente difundidas como el portugués, el francés, el español, el alemán, o el italiano, por no continuar abundando en ejemplos, están quedando arrinconadas, y despreciadas, en los círculos científicos y universitarios de todo el mundo. El profesor o el investigador que no hable y se relacione en inglés, o escriba sus artículos y libros en inglés, va camino de ser irrelevante, y menos conocido y respetado en lo científico. Quien ahora escribe estas líneas, que posee un uso razonable de la lengua inglesa, pero también de otras como el portugués, el francés, italiano, o el español, podría poner varios ejemplos de situaciones vividas, de claro contenido supremacista. Pero no solo manifestada en los USA, sino que el supremacismo es una cultura lingüística y científica hoy ya muy arraigada en las universidades de todos los continentes. Lo que no sea o proceda del mundo científico anglosajón queda automáticamente despreciado, en segundo plano o nivel.

Además, ese supremacismo excluyente se manifiesta dentro de la cultura académica universitaria no solamente en la comunicación lingüística, con la imposición del inglés como lengua homogeneizante, uniformizadora y excluyente de otras, tan valiosas o más. Son muchas y variadas las formas de imposición de los modelos ingleses de concebir las universidades, sus tareas docentes e investigadoras. El uso exclusivista del inglés como lengua “oficial” de la ciencia en el mundo, da por supuesto que lo que no está escrito en inglés carece de visibilidad. El uso de la lengua inglesa como vehículo casi exclusivo de la ciencia en reuniones científicas, congresos, reuniones de gestión académica, representa un desprecio



incalculable para quienes no hablan o escriben bien en esa lengua que se considera “canónica”.

Aterricemos aún más en sutiles y pequeños ejemplos supremacistas, como es el caso de la imposición absoluta de la forma de citar en los trabajos científicos a través de las famosas APA, que han representado la eliminación del modelo de citas científicas con larga tradición en las universidades europeas. O pensemos en la eliminación en las citas de autores del nombre completo por las iniciales en exclusiva, lo que significa que las mujeres pierdan visibilidad científica. Ahí aparecen, además, micromachismos supremacistas.

Pensemos, por ejemplo, en la estructura de la organización de los estudios (grado, maestría y doctorado), implantada por doquier siguiendo el modelo anglosajón, y que ha supuesto la transformación profunda, o la ruptura y desaparición, de modelos docentes y académicos de larga tradición, como el francés o el alemán. Y ello sin entrar en la moda, ya muy generalizada, de impartir muchas disciplinas docentes en lengua inglesa, a veces con obvias imperfecciones pese al voluntarismo del profesor.

Podemos continuar añadiendo otras muestras y ejemplos de ese modelo supremacista, que se acepta acríticamente como canónico para la universidad, como por ejemplo el exceso de utilitarismo, del concepto de transferencia, de cómo ha de financiarse la universidad pública.

Frente a estas actitudes supremacistas, nuestra apuesta es por una universidad inclusiva e intercultural, y una universidad que respete las identidades, las lenguas y las aportaciones de saberes y ciencias que procedan o se construyan en espacios culturales diferentes al hegemónico y dominante canon anglosajón de la ciencia y de la educación superior. Lo dejamos aquí. ■

José María Hernández Díaz ✚

Universidad de Salamanca
jmhd@usal.es

ENSINO
MAGAZINE

Publicação Periódica nº 121611
Dep. Legal nº 120847/98

Redacção, Edição, Administração
Av. do Brasil, 4 R/C
6000-079 Castelo Branco

Telef.: 272 324 645 | Telm.: 965 315 233
(chamada para a rede fixa nacional) (chamada para a rede móvel nacional)

www.ensino.eu | ensino@rvj.pt

Director Fundador

João Ruivo ruivo@rvj.pt

Director

João Carrega carrega@rvj.pt

Editor

Vitor Tomé vitor@rvj.pt

Editor Gráfico

Rui Rodrigues ruimiguel@rvj.pt

Castelo Branco: António Costa

Guarda: Rui Agostinho

Covilhã: Marisa Ribeiro

Viseu: Luis Costa/Cecília Matos

Portalegre: Maria Batista

Évora: Noémi Marujo noemi@rvj.pt

Lisboa: Jorge Azevedo jorge@rvj.pt

Nuno Dias da Silva

Paris: António Natário

Amsterdão: Marco van Eijk

Edição

RVJ - Editores, Lda.

Grafismo

Rui Salgueiro | RVJ - Editores, Lda.

Secretariado

Francisco Carrega

Relações Públicas

Carine Pires carine@rvj.pt

Designers

André Antunes

Carine Pires

Colaboradores: Afonso Carrega, Agostinho Dias, Albertino Duarte, Alice Vieira, Antonieta Garcia, António Faustino, António Trigueiros, António Reis, António Realinho, Ana Castel Branco, Ana Carmona, Ana Rita Garcia, Artur Jorge, Belo Gomes, Carlos Correia, Carlos Ribeiro, Carlos Semedo, Cecília Maia Rocha, Cristina Mota Saraiva, Cristina Ribeiro, Daniel Trigueiros, Dinis Gardete, Deolinda Alberto, Ernesto Candeias Martins, Fernando Raposo, Florinda Baptista, Francisco Abreu, Guilherme Lemos, Graça Fernandes, Helena Menezes, Helena Mesquita, Hugo Rafael, Joana Mota (grafismo), Joaquim Cardoso Dias, Joaquim Serrasqueiro, Joaquim Bonifácio, Joaquim Moreira, João Camilo, João Gonçalves, João Pedro Luz, João Pires, João de Sousa Teixeira, João Vasco (fotografia), Joaquim Fernandes, Jorge Almeida, Jorge Fraqueiro, Jorge Oliveira, José Carlos Moura, José Carlos Reis, José Furtado, José Felgueiras, José Guardado Moreira, José Hernández Díaz, José Júlio Cruz, José Pacheco, José Pires, José Pedro Reis, Janeca (cartoon), José Rafael, Lídia Barata, Luís Biscaila, Luís Costa, Luis Lourenço, Luis Dinis da Rosa, Miguel Magalhães, Miguel Resende, Maria João Leitão, Maria João Guardado Moreira, Natividade Pires, Nuno Almeida Santos, Pedro Faustino, Ricardo Nunes, Rui Salgueiro, Rute Felgueiras, Sandra Nascimento (grafismo), Sérgio Pereira, Susana Rodrigues (U. Évora) e Valter Lemos.

Estatuto editorial em www.ensino.eu

Contabilidade: Mário Rui Dias

Propriedade:

RVJ - Editores Lda.

NIF: 503932043

Gerência: João Carrega, Vitor Tomé e Rui Rodrigues (accionistas com mais de 10% do Capital Social)

Assinantes: 15 Euros/Ano

Empresa Jornalística n.º221610

Av. do Brasil, 4 r/c Castelo Branco

Email: rvj@rvj.pt

Tiragem: 20.000 exemplares

Impressão: Fig - Indústrias Gráficas, SA
R. Adriano Lucas 161, 3020-430 Coimbra

Publicidade

Ψ Espaço Psi

Rita Ruivo
Psicóloga Clínica

(Novas Terapias)
Ordem dos Psicólogos
(Céd. Prof. Nº 11479)

Av. Maria da Conceição, 49 r/c B 2775-605 Carcavelos
Telf.: 966 576 123 (chamada para a rede móvel nacional)
E-Mail: psicologia@rvj.pt

netsigma
soluções web integradas

Consultoria em novas Tecnologias de Informação
Desenvolvimento de Soluções Internet / Intranet
Soluções para Gestão de Clínicas
Desenvolvimento de Software à Medida

www.netsigma.pt

PLANETADASSOMAS
CONTABILIDADE

Praceta Eng. Frederico Ulrich, 6 r/c Dto
Tel.: 272 341 323 Castelo Branco
(chamada para a rede fixa nacional)



PRIMEIRA COLUNA

Ensino superior não é um gasto, é um investimento no futuro

📌 O Orçamento de Estado (OE) para 2027 trouxe, para o setor educativo, um sentimento agrídoce, com uma dotação total de 11 mil 643 milhões de euros. Se por um lado na educação verificamos um aumento 1,5%, na vertente do Ensino Superior, Ciência e Inovação, o documento mostra-nos um corte de 7,6% face ao ano passado, apresentando uma despesa consolidada de três mil 855,4 milhões de euros. Revela ainda que as propinas das licenciaturas e mestrados integrados vão ser descongeladas, subindo o seu valor, tendo em conta os indicadores da inflação.

Estes números significam a continuidade do subfinanciamento das instituições de ensino superiores públicas – algo que as universidades já sabiam, na medida em que já tinham submetido os seus orçamentos à tutela – e um crescente esforço

financeiro dos estudantes e das suas famílias. Certamente – e já o referi em diferentes ocasiões – que não será pelo valor das propinas que os estudantes deixarão de frequentar um curso superior. O alojamento e a alimentação ocupam a maior fatia orçamental que os alunos e as suas famílias têm que suportar. Contudo, ao descongelar o valor das propinas, abre-se um caminho que poderá vir a condicionar a entrada de mais jovens – e menos jovens – no ensino superior.

No caso concreto dos custos associados à frequência de uma licenciatura/mestrado integrado, e sendo certo que a ação social procura dar resposta aos mais vulneráveis, é também uma evidência que a classe média fica de fora desses apoios, sobretudo no que respeita ao acesso ao alojamento. E é da classe média que são oriundos a maioria dos es-

tudantes, cujas famílias começam também a sentir o aumento das prestações das suas casas ou das rendas, para além da subida do custo de vida que é transversal a todos.

Mas, voltando ao valor destinado ao Ensino Superior, Ciência e Inovação pelo OE de 2027, verificamos que da dotação de três mil 855,4 milhões de euros, a grande fatia vai para o ensino superior, com dois mil 604 milhões de euros. Para a ciência e inovação surgem 1,205 mil milhões de euros.

Do lado da receita e para colmatar os 11 mil 643 milhões de euros alocados ao Ministério, o valor mais elevado vem necessariamente dos impostos, com nove mil 488 milhões de euros, seguido das receitas próprias 1044 mil milhões e fundos europeus (746 milhões).

O valor global do Orçamento de Estado português para 2027 é de cer-

ca de 438 mil 968 milhões de euros. Para a tutela da Educação, Ciência e Inovação estão destinados 11 mil 643 milhões de euros, o que equivale a 2,65% do total. Para o Ensino Superior a dotação de dois mil 604 milhões de euros, corresponde a 0,59% do bolo total do OE. Já a Ciência e a Inovação receberão 0,27% das verbas do Orçamento de Estado. No caso da Educação, os cerca de 7,79 milhões de euros equivalem a 1,77% do OE.

O contexto para 2027 é exigente. O setor educativo, na sua globalidade, não pode ser visto como um gasto do país, mas sim como um investimento que tornará Portugal mais qualificado, inovador e competitivo. Esse investimento terá mais retorno se conseguirmos, por um lado, ter mais gente a estudar no ensino superior – o que pressupõe o reforço e a consolidação da rede de



universidades e universidades politécnicas existente e mais apoio aos estudantes – e, por outro, se garantirmos condições para que os nossos diplomados, investigadores e cientistas cá exerçam a sua profissão. É esse o caminho. ■

João Carrega
carrega@rvj.pt

1036 VAGAS

ESCOLA
ENSINO MAGAZINE

Beja, Setúbal, Aberta e Lisboa vão profissionalizar docentes

📌 O Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) acaba de contratualizar a abertura de 1036 vagas com Universidade Aberta, Universidade de Lisboa, Universidade Politécnica de Beja e Universidade Politécnica de Setúbal, para a profissionalização em serviço de professores.

Em nota enviada ao Ensino Magazine, o Ministério adianta que a “frequência do curso sem qualquer custo para os professores, sendo integralmente suportada pelo MECI, representando um investimento da tutela em cerca de 5,5 milhões de euros”.

No entender do MECI, “a formação pedagógica de professores é fator determinante para qualidade do ensino, sucesso das aprendizagens e construção de uma escola mais exigente, inclusiva e inovadora”.

Na informação enviada à nossa redação, o Ministério re-

vela que estão já preenchidas cerca de 80% das vagas.

“Esta medida assume especial relevância para os professores que ingressaram nos quadros através dos concursos externos extraordinários e que aguardam a obtenção da qualificação profissional, necessária para consolidarem a sua integração na carreira docente. Com a abertura destas vagas, o Governo garante que todos os docentes que vincularam provisoriamente com habilitação própria, nos concursos externos extraordinários de 2024/2025 e 2025/2026, e que pretendam profissionalizar-se, possam frequentar o curso de profissionalização em serviço, concretizando o compromisso assumido”, explica a tutela.

Para o Ministério, com esta medida “reforça-se, simultaneamente, a qualidade do sistema

educativo, ao garantir que estes docentes beneficiam de uma formação pedagógica estruturada e consistente, essencial para o desenvolvimento das suas competências profissionais. A qualificação pedagógica constitui um fator determinante para a qualidade das práticas de ensino, para o sucesso das aprendizagens dos alunos e para a construção de uma escola mais exigente, inclusiva e capaz de responder aos desafios educativos contemporâneos”.

Segundo a mesma nota, “os cursos, com arranque previsto para o mês de outubro, têm a duração de dois anos para os professores com menos de cinco anos de serviço e de um ano no caso de docentes com mais de cinco anos de serviço, reconhecendo, assim, a experiência profissional já adquirida ao longo do seu percurso nas escolas”. ■

UNIVERSIDADE
POLITÉCNICA
ENSINO MAGAZINE

GUARDA

UPG entre os 2% mais citados do mundo

📌 A Universidade Politécnica da Guarda (UPG) tem, pelo segundo ano consecutivo, cinco investigadores entre os 2% de cientistas mais citados do mundo, segundo o mais prestigiado ranking mundial de investigação, anunciou a instituição.

A prestigiada lista “World’s Top 2% Scientists” 2026 foi elaborada pela Universidade de Stanford (EUA) em colaboração com a Elsevier.

“A confirmação, pelo segundo ano consecutivo, do interesse que o trabalho de investigadores da Universidade Politécnica da Guarda desperta nos meios académicos mundiais constitui um reconhecimento importante da capacidade científica que temos vindo a construir”, afirma Joaquim Brigas, reitor da UPG, citado num comunicado.

Para o responsável, este resultado “valoriza o trabalho dos nossos investigadores e equipas e demonstra que a UPG dispõe de competên-



cias e de capacidade científica para continuar a crescer e a afirmar-se dentro e fora do país”.

A presença dos cinco docentes e investigadores da UPG neste grupo “restrito e de maior impacto científico a nível mundial” resulta dos indicadores de citação da base de dados Scopus, uma das maiores e mais completas plataformas de indexação de publicações científicas a nível mundial – também gerida pela Elsevier. ■



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Agenda e autores RVJ na Festa do livro de Belém

✚ A apresentação do livro “Natura Oculta”, o diário ilustrado de Luísa Ferreira Nunes, foi um dos momentos em destaque na Festa do Livro de Belém, que decorreu, entre os dias 17 e 20 de setembro, nos Jardins do Palácio de Belém, na Presidência da República, em Lisboa.

O livro, que surge com duas capas diferentes, numa edição trilingue (português, inglês e francês) foi apresentado numa sessão que decorreu no Palco Cascata, com a presença da autora e de muitos amigos, num momento de grande aprendizagem para todos os presentes.

Além do lançamento nacional desse livro, foram também efetuadas sessões de autógrafos com os autores Afonso Carrega (Codex XXV), Paulo Samuel (Autobiografia de Camillo Castelo Branco), João Carrega (Ensino Superior: Da interioridade à Europa das Universidades) e Florinda Baptista (Receitas das Avós; e Receitas dos Avós e Daqueles que Não o São).

O arranque da Festa do Livro foi antecedido

por uma receção do Presidente da República, no Palácio de Belém, e pela inauguração formal. António José Seguro fez questão de lembrar o seu antecessor, responsável pelo aparecimento de um evento que abre ao público os jardins da presidência e que promove a língua portuguesa.

António José Seguro fez um balanço muito positivo da edição deste ano, que à semelhança das anteriores foi concretizada pela Presidência de República em parceria com a APEL – Associação Portuguesa de Editores e Livreros. “O melhor balanço é aquele que vemos na face das pessoas que aqui estiveram estes dias todos”, começou por referir aos jornalistas, mostrando-se satisfeito por em torno dos livros “as pessoas conversarem e conviverem”.

Para além disso, ler torna o país numa “nação mais culta, nação mais livre e que faz melhores escolhas”. E, nesse sentido, reforça António José Seguro, torna “a nação mais feliz”. ■



PROPOSTAS

Livros & Leituras



✚ **China- Poemas do erotismo suave** (Guerra & Paz), tradução, prefácio e notas de António Graça de Abreu (n. 1947, Porto), um dos nossos mais destacados sinólogos, apresenta-nos uma recolha

da grande tradição chinesa erótica e literária da antiguidade aos dias de hoje, num livro também ilustrado com gravuras de época.

Cantos de Tristeza (Quetzal), de Ovídio (43 a.C.- 18 d.C.), com edição bilingue, e tradução, introdução e notas de Carlos Ascenso André, do poeta romano de grande renome à época, condenado ao exílio aos 51 anos, nos confins do império, nas remotas e agrestes margens do Mar Negro, compondo esta “poética do exílio”, que teve ampla influência em poetas vindouros.

Grande Sertão: Veredas (Companhia das Letras) de João Guimarães Rosa (1908-1967), edição comemorativa dos 70 anos de publicação, com apresentação de Clara Rowland, desta obra-prima do escritor brasileiro, “um livro do tamanho do mundo”, publicada em 1956, um clássico da língua portuguesa: “O diabo na rua, no meio do redemoinho”.



Vigília (Relógio d’Água), de George Saunders (n. 1958), romance espectral, na esteira do premiado “Lincoln no Bardo”, segue as aventuras de Jill Blaine, uma jovem encarregue de guiar os defuntos no bardo, o além tibetano, neste caso, um magnata do petróleo, representante do capitalismo ganancioso e destrutivo, que não se arrepende de nada, e que ela tem de acompanhar, num registo burlesco e satírico.

Miss Bee & o Cadáver na Biblioteca (ASA), de Alessia Gazzola (n. 1982, Messina), inaugura uma série de policiais “retro”, ao estilo Agatha Christie, com Beatrice Bernabò, uma jovem italiana desembaraçada e perspicaz, a viver nos anos 20 em Londres, e que auxilia um inspector- chefe da Yard a deslindar o estranho caso do homicídio de um agiota dono de uma mina na Índia.



As Melhores Aventuras de Sherlock Holmes (Relógio d’Água), selecção e prefácio de Ana Teresa Pereira, incluiu onze contos e a novela “O Cão dos Baskervilles”, do mais famoso detective, criação de sir Arthur Conan Doyle, que vive para toda a eternidade no nº 221-B de Baker Street, segundo o relato do seu amigo biógrafo, o fiel Dr. Watson.

Missão em Paris (ASA), de Arturo Pérez-Reverte (n. 1951, Carategena), uma aventura do capitão Alatriste e do seu jovem amigo de armas Iñigo Balboa, levados a Paris pelo poeta Quevedo, com uma missão secreta e rocambolesca, a levar a cabo em La Rochelle, onde se encontram com os célebres quatro mosqueteiros de Dumas.



Tinta e Sangue (D.Quixote), de Han Kang, Prémio Nobel 2024, da escritora sul-coreana, conta a história da vida e morte de uma pintora e da sua amiga, que se recusa a acreditar que se tenha suicidado, empreendendo a

busca da verdade, num registo lírico em que a pintura, o sonho, e a astrofísica se mesclam como tinta no papel.

A Arte sem História (Tinta-da-china), de Filipa Lowndes Vicente (n. 1972, Lisboa), em reedição, com o subtítulo “Mulheres e cultura artística (séculos XVI-XX)”, põe a nu “a invisibilidade feminina na história da arte”, revelando artistas esquecidas e realçando o papel das mulheres artistas, e o seu contributo fundamental, a nível internacional, e só para citar exemplos nacionais, desde Josefa de Óbidos, a Paula Rego.

O Poder da Palavra (Penguin Clássicos), de Simone Weil (1909-1943), três ensaios da maior filósofa francesa do século passado, versando o poder das palavras e o seu significado, a personalidade humana e os seus predicados e as necessidades da alma e as suas funções: “Tudo o que é impessoal no Homem é sagrado”, porque “a beleza é o mistério supremo deste mundo”.



Melancolia dos Confinos- Norte (D. Quixote), de Mathias Ernard (n.1972), uma viagem pelos meandros do tempo histórico, tendo como epicentro a cidade de Berlim, através da “literatura dos limites e poesia dos confin”, e apelando à memória, essa forma sublime de esquecimento, numa deambulação, ao mesmo tempo melancólica e erudita, num devaneio que acaba em Cacilhas.



Weimar (Penguin), de Katja Hoyer (n. 1985, Alemanha), com o subtítulo “A vida à beira da catástrofe”, é uma vasta e detalhada pesquisa de arquivo, nos anos de 1919 a 1939, sobre como a República de Weimar soçobrou aos nazis, através dos testemunhos de gente comum, que de espectadores se transformaram em vítimas do mais sanguinário e fanático dos regimes.

No Rasto de Blueberry (ASA), homenagem a Jean-Michel Charlier e Jean Giraud, criadores do “Tenente Blueberry”, por parte de 29 desenhadores que, em catorze histórias, revivem o anti-herói do Oeste, protagonista de uma das séries mais míticas da BD, num álbum para admiradores e futuros leitores embarcarem numa viagem pelo tempo das pradarias, bandidos, vaqueiros e índios. ■

José Guardado Moreira ✚

Este texto não segue o novo Acordo Ortográfico

BOCAS DO GALINHEIRO

In memoriam: Eva Marie Saint e Sam Neill

No passado dia 6 de Outubro, o cinema perdeu um dos seus maiores ícones: Eva Marie Saint. A actriz, provavelmente a última grande estrela da galáxia Hollywood, tinha 102 anos.

Nascida a 4 de Julho de 1924 em Newark, depois da sua passagem pelo Actor's Studio, entrou em várias séries e filmes para televisão, estreando-se no grande écran em *On the Waterfront* (Há Lodo no Cais, 1954) de Elia Kazan, realizador que caiu em desgraça, por via das denúncias que fez ao Comité das Actividades Antiamericanas, a tristemente célebre “caça às bruxas” do senador McCarthy, mas que se redime com este filme, produção com que volta aos Óscares, oito, onde se incluem os de melhor filme e melhor realizador e, claro o de Melhor Actriz Secundária para Eva Marie Saint, no papel de Edie Doyle, uma virtuosa católica que é determinante para a luta de Terry (interpretado por Marlon Brando, que arrebatou a estatueta dourada de Melhor Actor), contra um sindicato corrupto. Melhor estreia não poderia almejar. Um filme essencial, de Kazan e na história do cinema. Libelo acusatório, é também o retrato de um homem exprimindo a sua raiva, fora do sistema, marginal, tal como Kazan. Um filme onde perpassam todas as convicções e ideias do seu autor e onde o método de interpretação (três actores foram também nomeados para o Óscar de Actor Secundário: Lee J. Cobb, Karl Malden e Rod Steiger), junto com um cenário realista das docas o



torna único, na transmissão de sentimentos e na formação/mutação de mentalidades.

Mas para mim a interpretação da actriz que mais me marcou foi a de Eve Kendall, uma sedutora e loiríssima agente secreta, em *North by Northwest* (Intriga Internacional, 1959), dirigido por Alfred Hitchcock, ao lado do enigmático e elegante sedutor, Cary Grant, com um sentido de humor marcante, em todos os filmes que protagonizou, com destaque para as várias screwball comedies. Em todos brilhou.

Saint quebrou o padrão das loiras inocentes na filmografia do Mestre. O seu trabalho neste filme consagrou-a como uma das mais memoráveis das “suas” loiras, a par de Grace Kelly, a quem o Rainier deu outro trono, Kim Novak, Tippi Hedren, todas e cada uma delas encarnação do mal, da culpa, do desejo, da sexualidade, sem sexo, que perpassam nos seus filmes, ora com subtilidade, há quem diga com puritanismo, fruto da sua educação cristã, onde o Bem e o Mal lhe fica-

ram bem marcados, ora com um fino sentido de humor, *very british*, ora com uma grande dose de ironia, sempre presente nos seus filmes.

Sem esconder a sua admiração, ou preferência por Cary Grant, a atriz dividiu tela com outros nomes sonantes, desde logo Marlon Brando em *Há Lodo no Cais* (em *Super-Homem*, o *Regresso*, de 2006, filme em que Eva Marie Saint interpreta a mãe adotiva de Clark Kent, Marlon Brando também lá está mas em imagens da footage de *Super-Homem: O Filme*, dirigido por Richard Donner, que Bryan Singer usou, pois Brando falecera em 2004), Paul Newman em *Exodus* (Otto Preminger, 1960), James Gardner em *Grand Prix* (John Frankenheimer, 1966), Gregory Peck em *Emboscada na Sombra* (The Stalking Moon, 1969) de Robert Mulligan, para além de outras aparições mais recentes, a maior parte delas em filmes para televisão e séries.

SAM NEILL: DE O PIANO A JURASSIC PARK



Também Sam Neill nos deixou a 13 de Julho depois de meia década de interpretação e mais de 150 filmes.

Actor versátil, entrou em vários géneros, drama, comédia e protagonizou um dos maiores *blockbusters* de sempre: *Jurassic Park*, uma criação de Steven Spielberg, quem mais, numa adaptação da obra homónima de Michael Crichton, onde deu vida ao paleontólogo Alan Grant que se tornaria o herói da saga, ou seja, falar desta clonagem de dinossauros que não correu bem, sem vir à conversa Sam Neill, não seria o mesmo.

Porém, *O Piano* (Jane Campion, 1993) é outro memorável papel deste irlandês, filho de pai neozelandês, que cresceu na Nova Zelândia, para onde a família se mudou tinha ele sete anos e onde fez toda a sua formação. Começou a actuar na universidade, em grupos de teatro e depois na televisão, até que em 1977 protagonizou *Sleeping Dogs*, de Roger Donaldson, com assinalável êxito na Nova Zelândia. Porém

em 1993 tudo muda com estes dois filmes, nomeadamente neste drama da Jane Campion, vencedor da Palma de Ouro em Cannes e de três Óscar: Jane Campion Melhor Realizadora e Holly Hunter e Anna Paquin, para os prémios de representação, respectivamente melhor actriz e melhor actriz secundária.

Sam Neill já tinha a sua versátil carreira em reconhecidos papéis, em filmes tão diferentes como *Um Grito de Coragem* (Fred Schepisi, 1988), ao lado de Meryl Streep, *Caça ao Outubro Vermelho* (John McTiernan, 1990), com Sean Connery, depois nas várias entregas da saga dos dinossauros, a última em 2022 e, nos últimos anos, em curtas aparições como na saga Thor em *Thor: Ragnarok* (2017) *Thor: Love and Thunder* (2022), de Taika Waititi.

Duas perdas, a que prestamos a nossa curta homenagem.

Até à próxima e bons filmes! ■

Luís Dinis da Rosa

Este texto não segue o novo Acordo Ortográfico

CIÊNCIA E INVESTIGAÇÃO

UPG apresenta pensos inteligentes

A Universidade Politécnica da Guarda (UPG) apresentou, na Biomeet 2026 - o maior encontro nacional de biotecnologia -, um gel para tratamento de intoxicação e pensos ‘inteligentes’ “com potencial de aplicação na área da saúde”.

As duas tecnologias já estão patenteadas e foram mostradas à indústria e a investidores no encontro que decorreu a 23 e 24 de setembro no Tagus Park, em Oeiras.

Os projetos foram desenvolvidos pela Unidade de Investigação BRIDGES - Biotechnology Research for Innovation and Design of Health Products e o Gabinete de Transferência de Tecnologia e Valorização do Conhecimento da UPG.

Os Pensos Multifuncionais para o Tratamento de Feridas Crónicas foram criados com tecnologia ‘Colorwound’, “que incorpora um sensor de pH numa película ade-



siva e permite aos profissionais de saúde o acompanhamento do estado da ferida e da evolução do processo de cicatrização, através da alteração da cor da película”.

“As feridas crónicas representam um desafio significativo para os sistemas de saúde, devido ao elevado risco de infeção,

à inflamação persistente e aos processos prolongados de cicatrização”, lembra a UPG.

Estes pensos procuram superar a função de proteção física dos pensos convencionais, integrando funcionalidades de monitorização, diagnóstico e intervenção terapêutica.

Segundo a UPG, o penso ‘Colorwound’ está equipado com um biomarcador que permite detetar as variações de pH no leito da ferida através da mudança de cor.

“O penso é originalmente de cor vermelha, mudando para a cor rosa quando a ferida fica infetada (pH maior que 7), isto é, quando deteta a presença de exsudado e ou microrganismos, característicos do processo inflamatório causado por infeções”.

Já a ‘Formulação em Gel para o tratamento de Intoxicação por Fármacos e o processo para a sua obtenção’ consiste num gel para administração oral com “biomassa de microalgas (*Chlorella sorokiniana*, *Chlorella vulgaris* ou *Tetrademus obliquus*), na forma livre ou encapsulada em partículas, adequado para adsorver diferentes fármacos no trato gastrointestinal”.

LUSA

PROJETO DA UNESCO

Wind of Peace 2026

O Wind of Peace (“Ventos da Paz”) é uma iniciativa global e apolítica que conecta crianças e jovens de todo o mundo através de “cadernos itinerantes” ou “Livros da Paz”. O projeto permite que os estudantes escrevam mensagens e sentimentos aos adultos e líderes mundiais, pedindo para serem ouvidos sobre o seu futuro.

O livro ‘Ventos da Paz’ - notebook nº 4 - chegou ao Agrupamento de Escolas Soares Basto oriundo de Itália, vindo da Eslovénia, país promotor da iniciativa, no âmbito da Rede de Escolas Associadas UNESCO, a qual o Agrupamento Soares Basto integra há vários anos. Foi feita sensibilização e recolha de frases e ilustrações sobre a Paz, em várias turmas, dos vários anos de escolaridade. Simultaneamente o Agrupamento recolheu e inseriu no livro as contribuições de outras escolas de Portugal, que este ano abraçaram esta edição, dado que este Agrupamento foi convidado pela Comissão UNESCO da Eslovénia a coordenar

as contribuições em Portugal. O livro irá agora seguir o seu caminho para Espanha, seguindo-se depois a Grécia, rumo à Eslovénia, para uma exposição final de todos os livros itinerantes para as comemorações do Dia Internacional da Paz, celebrado a 21 de setembro, dia este declarado pela ONU em 30 de novembro de 1981.

O Agrupamento Soares Basto continua com a continuidade de várias parcerias, desde a 1ª edição, tais como o Rotary Club de Oliveira de Azeméis (Márcia Queirós), com a divulgação local e nacional da iniciativa, a ilustradora Luísa Portugal com a criação do rosto do livro referente à participação portuguesa, e com a imprensa (Correio de Azeméis, Revista Portugal Rotário e a SIC), parcerias estas preciosas para o sucesso desta iniciativa, como se pode ver pelo incremento das Escolas participantes.

As escolas portuguesas que contribuíram para o livro nesta 2ª edição foram: Agrupamento de

Escolas Soares Basto (Oliveira Azeméis, na coordenação), IPLUSO/ESEL (Lisboa), Escola Profissional e Tecnológica Profensino (Pena-fiel), Escola João de Deus de Torres (Coimbra), Escola Secundária Martins Sarmiento (Guimarães).

O vídeo faz uma síntese de todo o processo, de autoria da turma 10K, do Curso Profissional Técnico de Multimédia. Esta turma integra a equipa SB Design UNESCO, do Plano de Atividades do Agrupamento 2025-2026, equipa esta criada em 2008, por iniciativa dos professores Fernando Ferreira, Isabel Costa e José Rosa, a qual tem, ao longo destes anos, sob a metodologia de Trabalho de projeto, desenvolvido imensos projetos significativos para a comunidade, representando o Agrupamento em diversas iniciativas e concursos nacionais e internacionais.

Dada a impossibilidade de inserir no livro em papel todas as mensagens e contributos, brevemente os promotores irão enviar



às escolas aderentes os elementos gráficos para a construção de um livro digital (ebook) para recolha de novas mensagens e desenhos em todos os anos e turmas, dando assim continuidade a esta importante iniciativa de promoção da Paz, também em suporte digital.

Este projeto da UNESCO é uma mais-valia para o presente e para o futuro, pois une crianças de todo o mundo por uma causa comum e preciosa para todos, a Paz. ■

Fernando Ferreira

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Revolução de Abril candidato ao Prémio Mário Soares

O livro “A Revolução de Abril no Liceu de Castelo Branco” é um dos candidatos a vencer o prémio “Mário Soares, Liberdade e Democracia”, promovido pela Assembleia da República. Com edição da RVJ Editores (a mais antiga editora com sede na cidade albacastrense e presente em todo o país e Espanha), esta obra, coordenada por João Carrega (jornalista), Moisés Fernandes (médico) e Carlos Fernandes (gestor), tem como promotores, além dos coordenadores, Afonso Camões (jornalista), José Lopes (Juiz Conselheiro), João Goulão (Historiador) e João Ruivo (Professor Universitário).

O livro é um documento histórico, com base no arquivo pessoal do médico Moisés Fernandes (então aluno no Liceu de Castelo Branco), com milhares de documentos (inéditos) do período que antecedeu e sucedeu ao 25 de Abril de 1974 e vividos pelos estudantes do antigo Liceu de Castelo Branco e pelos elementos do primeiro Conselho Diretivo eleito em liberdade.

É um trabalho de investigação histórica, jornalística e de análise à história de uma cidade, onde a Revolução dos Cravos só chegou no comboio das 21h00 do dia 25, com os jornais vespertinos da época.

O livro apresenta textos de Afonso Camões, Moisés Fernandes, José Lopes, Josefina Fernan-



des (Procuradora da República), Carlos Correia (ex-pró-reitor da Universidade Nova de Lisboa), Carlos Fernandes, João Goulão, João Ruivo, José Ramos (Técnico autárquico), Isabel Ceia Moura (Educadora de Infância), Joaquim Duarte (Jornalista), João Carlos Graça (Professor Universitário), João Carrega, Leopoldo Rodrigues (presidente do Município de Castelo Branco) e Maria Adelaide Salvado (Geógrafa).

O Prémio, instituído pela Assembleia da República, pretende reconhecer trabalhos informativos, formativos ou pedagógicos, centrados nos valores sempre defendidos e praticados por Mário Soares. ■

LOURENÇO MARQUES FOI PIONEIRO NOS CUIDADOS PALIATIVOS

Cannes distingue médico poeta português

António Lourenço Marques, médico, escritor, poeta, recebeu, em Cannes, a Medalha de Mérito Cultural, atribuída pela União Mundial dos Escritores Médicos. A distinção, que é a primeira vez que se atribui, foi feita durante o 68.º Congresso daquela organização, no final de setembro, onde aquele que foi um dos percursores dos cuidados paliativos no nosso país, apresentou “uma comunicação sobre Ribeiro Sanches, o médico das Luzes, natural de Penamacor, e sobre a sua célebre biblioteca de Paris, que não chegou a vir para Portugal. No fundo, falei no amor dos livros e do meu último livro, «O Branco Semeia» (edição RVJ – Editores).

“A Medalha de Mérito Literário da União Mundial dos Escritores Médicos (UMEM) reconhece o trabalho de escrita humanística desenvolvido por médicos”, explica.

Comendador da Ordem do Mérito, António Lourenço Marques Gonçalves (nascido em 1952, em Souto da Casa, Portugal) é médico aposentado, antigo Chefe de Serviço de Anestesiologia, e possui a Competência em Medicina Paliativa atribuída pela Ordem dos Médicos. Em 1992, teve um papel fundamental na criação da Unidade de Tratamento da Dor do Hospital Distrital do Fundão, uma estrutura pioneira que, posteriormente, deu origem ao Serviço de Medicina Paliativa do Centro Hospitalar Cova da



Beira, que dirigiu. Tratou-se da primeira Unidade de Cuidados Paliativos em Portugal.

Exerceu funções como Professor Associado Convidado na Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior e dirige atualmente os Cadernos de Cultura – Medicina na Beira Interior: da Pré-História ao Século XXI. É autor de numerosas publicações nas áreas dos cuidados paliativos e da história da medicina.

Enquanto poeta, publicou Rudimentos (2015), Alusão de imagens (2019), Como aFRONTA à Vida e bRUMaS (2022) e O branco semeia (2026).

Ao longo da sua carreira, recebeu diversos prémios e distinções, como o Prémio António Patrício, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos, na sequência do seu livro “Rudimentos”. ■

CANDIDATURAS ABERTAS

Fundação Santander atribui 500 vales de educação

✚ A Fundação Santander Portugal vai atribuir 500 Vales Educação, no valor de 200 euros cada, para apoiar despesas com livros, material escolar, equipamento informático de apoio ao estudo, formação, propinas e explicações, informou aquela entidade. As candidaturas decorrem até 6 de dezembro na plataforma Santander Open Academy.

Ao Ensino Magazine, a Fundação adianta que “a iniciativa representa um investimento total de 100 mil euros e destina-se a pessoas com mais de 18 anos”.

O Vale Educação pode ser utilizado durante um ano na aquisição de recursos educativos ou no pagamento de despesas de formação.

Na mesma informação, Inês Rocha de Gouveia sublinha a ideia de que “aprender não tem idade. Com esta iniciativa, queremos apoiar mais pessoas e famílias no investimento em educação, conhecimento e novas competências, contribuindo para que a aprendizagem esteja ao alcance de todos”.

O apoio está disponível para adultos em qualquer fase da vida, independentemente do seu percurso académico ou profissional. Com esta medida, “a Fundação pretende reduzir barreiras no acesso à educação e incentivar a aquisição de conhecimentos e competências com



Inês Rocha de Gouveia, presidente da Fundação Santander Portugal

impacto no desenvolvimento pessoal e profissional dos beneficiários e das suas famílias”.

DE acordo com o regulamento, “o apoio é materializado através de um cartão carregado com 200,00 euros. O Vale destina-se a bens e serviços elegíveis relacionados com educação, formação e

apoio ao estudo, de acordo com as condições aplicáveis ao cartão e a rede de estabelecimentos aderentes”.

Diz o mesmo documento, que “a utilização do Vale poderá abranger, entre outras utilizações elegíveis, livros e leitura, manuais e material escolar, material informático de apoio ao estudo, formação na

área de línguas, formação musical, centros de explicações e aquisição de outros produtos elegíveis em estabelecimentos da rede do emissor do cartão, como óticas, sempre de acordo com as condições de utilização aplicáveis ao cartão”.

O regulamento esclarece que “o Vale não permite levantamentos em numerário nem transferências do respetivo saldo”.

Serão atribuídos até 500 Vales, no valor unitário de 200 euros, correspondendo a um valor global máximo de cem mil euros. Em cada Período Semanal de Avaliação serão atribuídos até 50 Vales às 50 Candidaturas válidas que obtenham a classificação global mais elevada, nos termos dos critérios previstos no presente Regulamento.

As Candidaturas elegíveis serão avaliadas de acordo com os seguintes critérios: Originalidade e criatividade - 50% Avalia o carácter original e criativo da resposta criativa apresentada, considerando a forma como o Candidato constrói e transmite a sua mensagem; e Pertinência e ligação à educação - 50% Avalia a pertinência da resposta criativa face à finalidade do Programa e a forma como a mensagem evidencia uma ligação à educação, aprendizagem ou desenvolvimento através da categoria de utilização escolhida. ■

SANTANDER PORTUGAL

50 mil vagas para cursos gratuitos

✚ O Santander e a Coursera vão disponibilizar 50 mil novas vagas gratuitas para cursos online nas áreas de inteligência artificial, análise de dados, liderança, marketing, inovação e línguas, entre outras.

O anúncio foi feito ao Ensino Magazine pela Fundação Santander Portugal e as inscrições estão abertas até 9 de dezembro através da Santander Open Academy.

Estas vagas juntam-se às 50 mil disponibilizadas em agosto, elevando para 100 mil o número total de vagas.

Segundo a informação enviada à nossa redação, a iniciativa, integrada no programa Santander | Skills for Work, “está aberta a todas as pessoas com mais de 18 anos residentes nos 12 países abrangidos, incluindo Portugal”.

Os cursos estão abertos a todas as



pessoas. “Não é necessário ser cliente do Santander nem ter um diploma universitário. Os participantes terão

acesso gratuito durante 12 meses a uma seleção de mais de 80 cursos desenvolvidos pela Coursera em parceria

com universidades e especialistas”, explica o Santander.

As vagas estão distribuídas para cursos de curta e longa duração, com conteúdos práticos e certificação oficial da Coursera.

“O programa surge num momento em que a rápida adoção da inteligência artificial e a digitalização estão a aumentar a necessidade de adquirir novas competências profissionais”, adianta o Santander.

Com esta nova disponibilização de vagas, o Santander e a Coursera reforçam a sua parceria para tornar a formação de elevada qualidade acessível a um público mais alargado e ajudar profissionais de diferentes áreas e percursos a adquirir as competências necessárias para responder às exigências de um mercado de trabalho em constante transformação. ■



ESTAMOS CÁ POR UM BEM MAIOR

Não há melhor retorno que o investimento feito nas pessoas e no ambiente. Por isso, aplicamos o nosso dinheiro na proximidade, na interajuda, no desenvolvimento social e na sustentabilidade.

Acreditamos que não é o dinheiro que faz girar o mundo, mas sim o bem que se pode fazer com ele.

PUBLICIDADE 10/2022



#SustentabilidadeCA

Para mais informações:

creditoagricola.pt |     

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo da Beira Baixa (Sul), C.R.L.

Idanha-a-Nova | Ladoeiro | Monsanto | Penamacor | Benquerença
Castelo Branco | Carapalha

ENSINO MAGAZINE JOVEM

SUPLEMENTO DO
ENSINO MAGAZINE
OUTUBRO 2026
DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

DIOGO ZAMBUJO, CANTOR OS GENES NÃO ENGANAM

Estudantes do Colégio
Universitário Pio XII
elegem Corpos Sociais

Universidade Politécnica
de Lisboa ganha bronze
na Albânia

Tomb Raider:
Legacy of
Atlantis



O apelido diz tudo, mas o jovem Diogo Zambujo traça o seu próprio caminho com o lançamento do primeiro álbum que resulta de uma década de histórias, vivências e inquietações.

Que experiências estão por detrás das 11 canções do álbum «Vir a Ser»?

Este disco é o resultado das histórias, das vivências e das inquietações que me acompanharam ao longo destes anos. O álbum começa com a primeira música que escrevi na vida, aos 17 anos, e acaba por agregar os últimos 10 anos, visto que agora tenho 27 anos.

E dos 17 aos 27 anos é, precisamente, uma altura de muitas mudanças na vida de qualquer jovem, nomeadamente a entrada no ensino superior. Fui de Beja para Lisboa, para tirar o curso de Comunicação Social. Tratou-se de uma mudança brusca. Depois de acabar o curso vai-se à luta em busca de trabalho, etc. Foram muitos desafios. Em resumo, são as histórias que me consumiram nesses anos, amores e desamores. Uma música é assumidamente autobiográfica, outras nem por isso.

Este primeiro disco representa, de alguma forma, o início formal de uma carreira ou é, antes de tudo, o corolário de um percurso que já vinha a construir há vários anos?

Acho que se pode considerar um pouco dos dois. Mas, de facto, acabamos por ser alguém quando temos algo cá fora que define a identidade. Já tinha os singles lançados, no início de 2026, mas o álbum só saiu em setembro, devido a alguns prazos e formalismos que tiveram de ser cumpridos. Já tinha o meu “bebé” pronto para vir ao mundo, mas tive de esperar alguns meses...

Como foi o processo de criação e gravação do álbum? As canções nasceram primeiro que a música ou a partir das palavras ganharam forma musical?

No meu processo de composição nascem primeiro as palavras. Por norma, tenho esse impulso e logo depois dá para esculpir uma música que encaixe na letra. Depois fazem-se umas emendas, uns acrescentos, para fazer sentido na melodia. Curiosamente, nas últimas músicas, «Ferida sarada» e o «Outro quarto qualquer», até fiz ao contrário, começando primeiro pela música e só depois pela letra. E confesso que tem sido engraçado, até porque, para mim, a melodia é o mais difícil de sair.

Que músicos e géneros musicais mais o influenciaram na construção da sua identidade artística? É notória uma forte influência da sonoridade brasileira, inclusive uma das faixas tem a participação da cantora luso-brasileira Tainá, e o Diogo esteve na primavera, no Brasil, nos concertos com o seu pai António...

Acompanhei o meu pai em concertos por 12 cidades do Brasil. Desta vez, ele juntou o útil ao agradável e levou-me.

Fiz todas as primeiras partes dos concertos dele, em maio, onde toquei quatro ou cinco

DIOGO ZAMBUJO, CANTOR OS GENES NÃO ENGANAM



músicas do meu novo disco, num ambiente de guitarra e voz. O André, que produziu o meu álbum, também faz parte da banda do meu pai e preparou algumas surpresas nos concertos no Brasil. Ele e o meu pai juntaram-se a mim em palco numa das músicas. De facto, a sonoridade brasileira está sempre muito presente. A minha banda favorita são os brasileiros “Los Hermanos”, do Marcelo Camelo e do Rodrigo Amarante. Oiço os seus discos vezes sem conta e nunca me canso. Eles são muito conhecidos pela música «Anna Júlia», mas têm um trabalho musical fantástico, que eu venero.

A pergunta não é original, mas tomo liberdade de a fazer. Sendo filho de António Zambujo, até que ponto cresceu dentro da música e como procurou encontrar uma voz própria? Ter um apelido tão associado à música portuguesa é uma herança, uma responsabilidade ou também uma oportunidade?

Em primeiro lugar, é incontornável. Há que aceitar. Penso que é uma oportunidade. Pelo feitio e pela personalidade do meu pai, todas as pessoas têm muito boa impressão dele. Acho que isso facilita que gostem de mim. As nossas músicas são

muito parecidas e até temos tons de voz muito semelhantes. A minha mãe fala sempre das expressões e dos trejeitos da cara. Apesar de ter crescido com a minha mãe, em Beja, visto que o meu pai veio para Lisboa, os genes não enganam.

Fale-me um pouco do seu tio, Zeca Serra, que lhe ofereceu a primeira viola...

O meu tio materno possibilitou-me a primeira abordagem à música. O meu fascínio pela música nasceu com ele. Ele é da onda do rock e das influências anglo-saxónicas. Foi ele que me mostrou os Beatles, os The Cure, os Rolling Stones, etc. Ele teve várias bandas e chegou a tocar nos «Caracol Blues», um grupo que atuava em vários eventos pela região. Levava-me aos ensaios, etc. Pedi-lhe a guitarra emprestada para ele me ensinar alguns acordes. Até que um dia, talvez por achar que eu já tinha a guitarra há tempo demasiado, ofereceu-me uma. Foi um momento muito marcante.

Estudou música no Conservatório do Baixo Alentejo e no Hot Clube Portugal, em Lisboa. Pelo meio tirou um curso de Comunicação Social na Universidade Católica. Neste percurso académico, a música foi sempre a primeira prioridade?

No Conservatório lidava mal com a exposição, por ser tímido, e acabei por desistir de muitas audições. Acabei mesmo por desistir do piano. A aprendizagem formal de música ficou muito em “stand by”. Mas um lado da família sempre percebeu que eu gostava muito de música. O outro lado da família fez força para eu tirar um curso, caso a música desse para o torto.

Então, enveredei pela comunicação social, até porque sempre gostei muito de jornalismo cultural, musical e de cinema. A licenciatura foi muito útil. Deu-me ferramentas para escrever e até para lidar como entrevistado. Foi uma indiscutível mais-valia. Depois do curso fui para o Hot Club para perceber a vertente teórica da música. Há muita matemática por detrás da música, perceber as escalas, etc. Mas como precisava de ganhar dinheiro, fui trabalhar para um restaurante. Estive dois anos e meio no «Bairro do Avillez», no Chiado, um espaço muito movimentado e que exigia muitas horas de trabalho. Quando abandonei o restaurante, já estava a ganhar algum dinheiro com os concertos e de há uns tempos a esta parte estou em “full time” na carreira musical.

Estima-se que sejam carregadas em diversas plataformas digitais milhares de faixas geradas por Inteligência Artificial (IA). É uma ameaça aos artistas e aos direitos de autor?

Para o crescimento e desenvolvimento da IA estão a ser utilizadas muitas músicas sem autorização dos artistas. É combustível para a IA criar novas músicas. Contudo, entendo que a IA não é um monstro de sete cabeças, tem um grande potencial que deve ser aproveitado. Creio que ainda não há um risco, mas é preciso que exista controlo. Os alertas recentes sobre a IA exigem cautela e prudência. E o mundo da música não pode ficar à margem. ☺

Nuno Dias da Silva ✎
Cremilde Pratas / Direitos reservados ☒

CARA DA NOTÍCIA

O primeiro disco aos 27 anos

✎ Diogo Zambujo, nasceu em 1998, em Beja. Filho do consagrado António Zambujo, é um cantautor português que cruza influências da canção portuguesa, da música brasileira, do jazz, do rock e da pop contemporânea, numa escrita intimista e emocional. Depois de apresentar temas como «O Mundo Sou Eu», «Amor Sem Nome» e «Pisa a Poça», com a luso-brasileira Tainá, lançou em setembro de 2026 o seu álbum de estreia, «Vir a Ser». Com 11 canções, o disco explora o amor, a perda, a mudança e a descoberta pessoal. ■



Estudantes do Pio XII elegem Corpos Sociais

A União de Estudantes do Colégio Universitário Pio XII (UECUP), em Lisboa, acaba de eleger os novos corpos sociais. A eleição decorreu, no dia 29 de setembro, num período em que a instituição está a assinalar os seus 70 anos de vida. Antônio Gaspar Moreira é o novo presidente da direção, tendo a seu lado na vice-presidência Martim Neves, Pedro Marta e Afonso Carrega. Às eleições concorreram duas listas. A presidida por Antônio Gaspar Moreira, que obteve a confiança da maioria dos estudantes votantes, e a liderada por Ricardo Comédias, o que denota o dinamismo estudantil do Colégio Universitário Pio XII. Além da direção, a UECUP integra vários centros, para os quais também foram eleitos, no seio da lista vencedora, os seus responsáveis, a saber: Centro desportivo - José Silvestre (Presidente), Ro-

drigo Fortunato (Vice-presidente), João Silveira (Vogal) e Benjamim (Vogal); Centro médico - Guilherme Capelas (Presidente), José Freire (Vice-presidente) e Rodrigo Fernandes (Vice-presidente); Centro de espiritualidade e cultura - Jorge Cabral (Presidente), Filipe Mourato (Vice-presidente) e Nuno Pereira (Vogal); Centro de música - Rodrigo Freitas (Presidente), Pedro Mansilha Branco (Vice-presidente) e Martim Correia (Vogal); Centro de solidariedade (ação social) - Gonçalo Batista (Presidente), João Guerreiro (Vice-presidente) e Francisco Cintra (Vogal); Centro de comunicação - Alberto (Presidente), Francisco May (Vice-Presidente), Martim Lopes (Vogal), Catarina Machado (Vogal) e Rita Dias (Vogal); Centro de apoio ao estudante - Afonso Silva (Presidente), Martim Almas (Vice-Presidente), João Pires (Vice-Presidente) e Ana Maria (Vogal). ☺

Universidade Politécnica de Lisboa ganha bronze na Albânia

Daniel Viegas, estudante do ISEL da Universidade Politécnica de Lisboa (UPL), conquistou a medalha de bronze, em judo (-60kg) nos Campeonatos Europeus Universitários de Desporto de Combate 2026, que decorreram na Albânia. A competição decorreu, em Tirana, de 8 a 16 de setembro.

De acordo com a informação partilhada pela UPL, a Universidade teve seis estudantes-atletas nas fases finais europeias do Campeonato.

Na competição destaque ainda para o desempenho de Laura Santos, da ESELx, que alcançou o 5.º lugar na modalidade de Karaté, e de João Dias, do ISEL, que terminou a sua participação no Judo na 7.ª posição. Recorde-se que, além da vertente internacional, internamente, “os estudantes da Universidade Politécnica de Lisboa (UPL) encerraram a época desportiva 2025/2026 com um balanço muito positivo, conquistando 21 medalhas em provas individuais e dois títulos universitários em modalidades coletivas. Ao longo do ano letivo, participaram em competições nacionais e regionais, representando a UPL e Federação Académica do Instituto Politécnico de Lisboa (FAIPL) nas diversas modalidades do desporto universitário”.

A UPL esclarece ainda que “as 21 meda-



lhas foram conquistadas em provas individuais realizadas no âmbito dos Campeonatos Nacionais Universitários, organizados pela Federação Académica do Desporto Universitário (FADU), e dos Campeonatos Universitários de Lisboa, promovidos pela Associação Desportiva do Ensino Superior de Lisboa (ADESL), correspondendo a 17 medalhas nas competições nacionais, e três nas competições universitárias de Lisboa e uma nos Campeonatos Europeus”. ☺

PORTUGAL TOP 10 ÁLBUNS ENSINO MAGAZINE

- 1 Songs from the wedding cake Blossoms



- 2 Rubber Soul Beatles
- 3 You seem pretty sad for a girl so in - Olivia Rodrigo
- 4 The essential Michael Jackson
- 5 The age of everything Johnny Marr
- 6 Visitor Sienna Spiro
- 7 The art of Loving Olivia Dean
- 8 The life of a showgirl Taylor Swift
- 9 50 Years Don't Stop
- 10 Time flies - 1994-2009 Oasis

Fonte: APC Chart

PORTUGAL TOP 10 SINGLES ENSINO MAGAZINE

- 1 Patient Zero Taylor Swift



- 2 Great expectation Sienna Spiro
- 3 Babydoll Jamie Miller
- 4 Stop the wedding Ashe
- 5 Choosin' Texas Ella Langley
- 6 Boston Stella Lefty
- 7 The cure Olivia Rodrigo
- 8 Nicole Kidman Adela
- 9 Trading Seadon Dua Lipa
- 10 My body isn't ready Sombr

Fonte: APC Chart

CINEMA ENSINO MAGAZINE

Como Roubar Um Banco

Um grupo de assaltantes de bancos perito em redes sociais transmite os seus assaltos ousados em direto, sem se aperceberem que a sua crescente fama viral os colocou na mira de um agente veterano do FBI e de uma brilhante engenheira de software. Apesar de esta dupla improvável estar cada vez mais próxima, a rede criminosa vai além dos seus limites, arriscando tudo por aquilo em que acreditam - e pelo seu assalto mais ambicioso de sempre ☺

Título Original: How to rob a bank; Ação, Crime; Data de Estreia: 12/11/2026; Realização: David Leitch; País: EUA; Idioma: Inglês

GAME ENSINO MAGAZINE

Tomb Raider: Legacy of Atlantis

Vive a aventura de Lara Croft no Tomb Raider: Legacy of Atlantis. Uma deslumbrante recriação do jogo de 1996. Atravessa cenários traiçoeiros, resolve mecanismos mortais e enfrenta predadores mortíferos enquanto procuras os pedaços espalhados do Scion, um artefacto de poder incomensurável. ☺

Fonte: Nintendo



Fonte: Castello Lopes e IMDB

GADGETS ENSINO MAGAZINE

Bose Noise Cancelling Wired Earbuds

Os Bose Noise Cancelling Wired Earbuds são o regresso aos auriculares com fios. O modelo tem ligação USB-C, cancelamento ativo de ruído QuietControl e dispensa Bluetooth, emparelhamento e bateria interna. O lançamento surge numa altura em que os auriculares com fio voltam a ganhar popularidade entre quem procura uma forma simples de ouvir música, ver vídeos ou fazer chamadas. A ligação por cabo também permite baixa latência, útil para manter o som sincronizado em vídeos, jogos e criação de conteúdos. ☺

Fonte: PC Diga





EVENTO INTERNACIONAL DE CLARINETE EM CASTELO BRANCO

Festival junta os melhores do mundo

O Festival Internacional de Clarinete de Castelo Branco (FICCB) vai juntar, entre 6 e 8 de novembro, alguns dos melhores intérpretes mundiais. O evento, que tem o apoio do Ensino Magazine, volta a ter o Cine Teatro Avenida como pon-

to central, mas o programa estende-se também ao Centro de Cultura Contemporânea. São esperados 200 músicos, dos quais 150 são clarinetistas.

Carlos Alves, diretor do Festival, considera que esta que é a “sexta edi-

ção do evento consolida a missão do festival descurzar gerações, linguagens e geografias”. Os palcos acolhem alguns dos maiores expoentes mundiais do instrumento, Florent Héau (França), Raquel Contreras (México), Roman Widaszek



Publicidade

VI FICCB

DIREÇÃO ARTÍSTICA - CARLOS ALVES

Dia 01

SEXTA | 6 NOVEMBRO

- Abertura do Festival | 15:00**
COM O DIRETOR ARTÍSTICO, PROFESSORES E ALUNOS DAS MASTERCLASSES
- Masterclasses | 15:30**
 - Florent Héau
 - Javier Llopis
 - Raquel Contreras
 - Carlos Alves
- Concerto de Abertura | 21:30**
GRANDE AUDITÓRIO DO CINETEATRO AVENIDA
Orquestra de Câmara da Guarda Nacional Republicana
Maestro Tenente Hélder Gonçalves
Solistas: Raquel Contreras e Sérgio Pires
Obras de: Stravinsky, Nielsen, Copland e Hurtado

Dia 02

SÁBADO | 7 NOVEMBRO

- Masterclasses | 10:00**
 - Raquel Contreras
 - Roman Widaszek
 - Sérgio Pires
 - Carlos Alves
- Exposição de Clarinetes Históricos | 11:00**
Espólio do professor Manuel Lemos, do Conservatório de Braga, que estará presente no evento.
- Masterclass | 14:30**
 - Raquel Contreras
- Grandes Entrevistas do Festival | 15:00**
SALA POLIVALENTE DO CCCCB
Carlos Alves entrevista Sérgio Pires sobre o estudo do repertório orquestral e a preparação para concursos para orquestra. Gravada em áudio e vídeo para memória futura pela ESART
- Novos Produtos do Mundo do Clarinete | 16:00**
SALA POLIVALENTE DO CCCCB
Espaço de apresentação, inovação e criatividade dedicado às marcas presentes no festival: Vandoren, Buffet Crampon, Backun, Selmer e Royal Global

Dia 03

DOMINGO | 8 NOVEMBRO

- Masterclass | 16:00**
 - Sérgio Pires
- Concerto de Gala | 21:30**
GRANDE AUDITÓRIO DO CINETEATRO AVENIDA
Orquestra Sinfonietta de Castelo Branco
Maestro Bruno Cândido
Solistas: Florent Héau, Roman Widaszek e Javier Llopis
Obras de: Molder, Saint-Saëns, Stamitz, Mendelssohn e Bizet

Dia 04

DOMINGO | 8 NOVEMBRO

- Masterclasses | 10:00**
 - Florent Héau
 - Javier Llopis
- Palestra - Nutrição e Alta Performance | 11:00**
Palestrante: Dra. Ana Sofia Matos
SALA POLIVALENTE DO CCCCB
- Pequenos Concertos de Ensembles | 15:00**
SALA POLIVALENTE DO CCCCB
 - Ensemble de Clarinetes do Conservatório Regional de Música de Castelo Branco** — Prof.ª Cláudia Macedo
 - Ensemble de Clarinetes da Academia de Música e Dança do Fundão e Escola de Música de Belmonte** — Prof. David Machado
 - Ensemble de Clarinetes Dão, Conservatório de Música e Artes do Dão** — Prof. David Machado e Prof. Sérgio Neves
 - Ensemble de Clarinetes do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga** — Prof. Alberto Bastos e Prof. Manuel Lemos
- Concerto de Encerramento | 18:00**
GRANDE AUDITÓRIO DO CCCCB
Ensemble de Clarinetes da Esart e Convidados
Maestro Pedro Ladeira
Solistas: Raquel Contreras, Javier Llopis e Roman Widaszek
Obras de: Handel, Vivaldi, Albéniz, Márquez, Debussy, Mangani e Léhár

Patrocinador Principal: Castelo Branco

Patrocinadores: Sopros, Buffet Crampon, Vandoren, Backun, Selmer, Royal Global

Apoio à Organização: Câmara Municipal de Castelo Branco, Câmara Municipal de Vila Real, Câmara Municipal de Vila Verde, Câmara Municipal de Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Câmara Municipal de Vila Nova de Poços d'Aleixo

Apoios: Antena 2, Reconquista, Magazine, GNR, Sinfonietta



(Polónia), JavierLlopis (Espanha) e Sérgio Pires (Portugal), lado a lado com jovens talentos que representam o futuro da performance musical.

Uma das particularidades do evento, e que já é outra das imagens de marca, diz respeito aos diferentes masterclass orientados pelos principais artistas que atuam no Festival e cujas inscrições esgotaram praticamente assim que foram abertas as inscrições.

O diretor do Festival, solista principal da Orquestra da Casa de Música do Porto e professor na Escola Superior de Artes Aplicadas da Universidade Politécnica de Castelo Branco, destaca os três grandes concertos, entre eles a estreia mundial da Suite Mexicana para clarinete e orquestra, de Kevin Z. Zapo Hurtado, dia 6 no Cine Teatro, às 21h30min. “É o diálogo entre a tradição e a modernidade, entre o rigor técnico e a liberdade criativa, que a organização

quer levar a cada concerto. Mais do que uma sucessão de espetáculos, o festival pretende ser um espaço de partilha, formação e comunhão artística”, diz Carlos Alves.

Este que é o concerto de abertura terá no palco a Orquestra de Câmara da Guarda Nacional Republicana, dirigida pelo maestro Tenente Hélder Gonçalves, onde interpretará também obras de Stravinsky, Nielsen e Copland.

O concerto de Gala decorre no dia 7, também no Cine Teatro, à mesma hora. A Orquestra Sinfonietta de Castelo Branco, com o Maestro Bruno Cândido, apresenta obras de Mendelssohn, Molter, Saint-Saëns, Stamitz e Bizet.

O concerto de Encerramento, a cargo do Ensemble de Clarinetes da Esart e Convidados fecha o festival com obras de Vivaldi, Mangani, Márquez e Albéniz, no dia 8, às 18 horas, no Centro de Cultura Contemporânea. @

LUÍS FARINHA, REITOR DA UNIVERSIDADE POLITÉCNICA DE CASTELO BRANCO

“Uma Universidade com raízes profundas e capacidade para trabalhar em redes globais”

✚ Luís Farinha é o primeiro reitor da Universidade Politécnica de Castelo Branco. Na passagem de mais um aniversário da instituição, explica o que está a mudar e que o futuro exige excelência, ambição, responsabilidade e capacidade de intervenção.

O Instituto Politécnico de Castelo Branco é agora Universidade Politécnica de Castelo Branco (UPCB). O que se pode esperar da instituição para o futuro?

Pode esperar-se uma Universidade mais ambiciosa e, ao mesmo tempo, mais exigente consigo própria. A nova designação abre uma oportunidade de afirmação, mas não é o nome que transforma uma instituição. O que a transforma é a qualidade do ensino, a capacidade de produzir conhecimento relevante e, sobretudo, de o converter em valor para as pessoas, para as empresas, instituições e para o território.

A nossa ambição é afirmar a UPCB como uma Universidade Politécnica de referência, a partir do interior do país, com qualidade reconhecida e crescente projeção nacional e internacional. Isso significa formar com excelência, investigar com propósito e transformar conhecimento em capacidade, inovação e valor, trabalhando lado a lado com empresas e instituições na resposta aos desafios concretos da região.

É esse o sentido do meu programa de ação: «Impulsionar o Futuro, Valorizando as Pessoas». Mais do que um lema, é um critério de decisão. Cada curso, projeto, investimento ou parceria deve melhorar a Universidade e, simultaneamente, criar valor para quem aqui estuda, trabalha, investe e vive. É essa exigência que deve orientar o futuro da UPCB.

Esta alteração vai para além da mudança de nome?

Tem necessariamente de ir. Se a transformação se resumisse a substituir uma placa, teríamos desperdiçado uma oportunidade histórica. Ser Universidade Politécnica deve traduzir-se num novo patamar de responsabilidade, ambição e capacidade de intervenção.

Não queremos abandonar a nossa identidade; queremos elevá-la. A matriz politécnica nasce próxima das profissões, da tecnologia, das empresas e dos problemas concretos. O desafio é acrescentar a essa proximidade mais ciência, mais inovação, mais formação avançada, mais internacionalização e maior capacidade de transferir e cocriar conhecimento.

Isso implica uma UPCB mais ágil?

Há uma transformação organizacional e cultural a fazer. Queremos uma instituição mais aberta, mais ágil, mais colaborativa entre escolas e áreas científicas e mais orientada para objetivos e resultados. A mudança será verdadeira quando se refletir na experiência dos estudantes, nas oportuni-



dades das nossas pessoas, na relação com o tecido económico e social e no impacto que conseguimos gerar no território.

Pode significar também uma maior aproximação das autarquias da região, com a abertura de cursos nos diferentes concelhos da Beira Baixa?

A aproximação às autarquias e ao território é essencial, mas não deve confundir-se com dispersão da oferta formativa. A proximidade não se mede pelo número de cursos ou edifícios espalhados pelo mapa; mede-se pela capacidade de compreender necessidades e construir respostas com qualidade.

Haverá situações em que fará todo o sentido levar formação a outros concelhos, sobretudo formação curta, pós-graduada, executiva ou ao longo da vida, desenhada em articulação com municípios, empresas e instituições. Essa proximidade deve partir dos problemas concretos do território e das competências necessárias para lhes dar resposta, numa lógica orientada para a resolução de problemas, em que a Universidade mobiliza conhecimento, qualifica pessoas e ajuda a construir soluções com impacto real.

Já uma licenciatura, um mestrado ou um doutoramento exigem outro nível de sustentação: procura consistente, recursos adequados, qualidade académica, capacidade de investigação, massa crítica e perspectivas de empregabilidade e impacto. Não queremos criar oferta para preencher mapas; queremos criar respostas para necessidades reais e desenvolver formação onde ela possa gerar valor efetivo para as pessoas, para as organizações e para o território.

Ou seja a UPCB deve ser uma plataforma de conhecimento na região?

Sim, quero que a UPCB funcione cada vez mais como uma plataforma regional de conhecimento. Isso pode significar formação descentralizada, investigação aplicada, laboratórios vivos, apoio à inovação empresarial ou projetos com os municípios. O importante é que cada parceria produza resultados e fortaleza, ao mesmo tempo, a Universidade e o território.

Há cerca de quatro meses tomou posse como responsável máximo da UPCB (IPCB na altura). Qual o balanço que faz do trabalho realizado e quais foram as prioridades imediatas da sua equipa?

Foram meses particularmente intensos. Assumimos funções num momento em que várias exigências se concentraram no tempo: a transição para Universidade Politécnica, a revisão do enquadramento estatutário, a preparação do novo ano letivo e, em simultâneo, o arranque do nosso programa de transformação da instituição.

A primeira prioridade foi conhecer com rigor a situação real: ouvir, diagnosticar, identificar riscos e distinguir o urgente do estrutural. As residências estudantis foram um dos dossiers que exigiram resposta imediata. O ciclo de financiamento do PRR estava a terminar e havia investimentos que já não poderiam ser concluídos dentro dos prazos previstos. Tivemos de acompanhar de perto as empreitadas e, ao mesmo tempo, encontrar uma solução que permitisse proteger o investimento realizado e assegurar a conclusão das obras.

Para já qual foi essa solução?

Quando abri o aviso do Centro 2030 para residências universitárias, avançámos de imediato. O prazo da primeira fase terminava a 30 de setembro, o que obrigou a um esforço muito intenso das equipas para, em poucos dias, consolidar informa-

ção técnica e financeira e preparar uma candidatura sólida. Foi um trabalho exigente, mas indispensável para salvaguardar investimento público e criar condições para concluir estas infraestruturas.

Mas não quisemos ficar numa lógica de emergência. Enquanto resolvemos problemas, estamos a construir direção: rever a oferta formativa, reforçar a investigação e a transferência de conhecimento, desenvolver a formação ao longo da vida, melhorar a organização interna e preparar uma visão de desenvolvimento da UPCB para 2030. O balanço é esse: responder ao urgente sem perder de vista o futuro.

Portanto, a grande preocupação prendeu-se com a reprogramação das obras das residências, a nova da Talagueira, e a requalificação das outras duas existentes em Castelo Branco?

A situação das residências estudantis foi um dos dossiers que exigiu uma resposta mais imediata. Tomámos posse a 7 de julho e encontrámos duas residências em requalificação com níveis de execução inferiores a 12% e a nova residência da Talagueira com uma execução inferior a 30%. Ao mesmo tempo, os prazos do PRR terminavam já em agosto - a 14 de agosto, no caso da Talagueira, e a 20 de agosto nas restantes residências. Ou seja, entre a nossa entrada em funções e o fim dos prazos de financiamento havia pouco mais de um mês, num contexto de execução ainda muito reduzida.

Perante esta realidade, foi necessário agir de imediato: acompanhar de muito perto as empreitadas, reunir com projetistas, empreiteiros, fiscalização e entidades responsáveis pelo financiamento, acelerar tudo o que ainda fosse possível executar e, em paralelo, procurar uma solução que permi-

Publicidade





tisse concluir os investimentos para além do prazo do PRR. Foi nesse contexto que trabalhamos a candidatura ao Centro 2030, com o objetivo de proteger o investimento já realizado e assegurar a conclusão das obras.

O alojamento é determinante para a captação de mais estudantes?

É determinante para muitos estudantes e será cada vez mais relevante numa Universidade que quer reforçar a sua atração nacional e internacional. Hoje, a decisão de onde estudar não depende apenas do curso. Depende também do custo de vida, do alojamento, da mobilidade, da segurança e da experiência global que o estudante antecipa.

Castelo Branco tem vantagens importantes: qualidade de vida, dimensão humana, segurança, proximidade e custos tendencialmente mais equilibrados do que nos grandes centros. Mas essas vantagens só se transformam em competitividade se existir alojamento suficiente, acessível e de qualidade.

Por isso, a conclusão das residências estudantis é, para nós, uma prioridade clara, que assumimos e reafirmamos junto das entidades financiadoras. Desde o primeiro momento, desenvolvemos todos os esforços para acelerar a execução das obras, mas sempre com uma monitorização muito rigorosa da execução orçamental e da tesouraria da instituição, de forma a garantir a continuidade dos trabalhos e evitar qualquer interrupção das empreitadas por razões financeiras. Isso exigiu acompanhamento permanente, gestão prudente dos fluxos de tesouraria e um diálogo muito próximo com a entidade financiadora do PRR, mesmo antes de termos sido formalmente notificados da tão aguardada e decisiva aprovação das novas candidaturas apresentadas.

Pelas suas palavras depreendo que as residências vão para além das questões sociais?

Vejo as residências como parte integrante da infraestrutura académica da Universidade. Não são apenas uma resposta social; são também uma condição de igualdade no acesso, um instrumento de atração de estudantes e um fator de competitividade da UPCH e da própria região. Contribuem para criar uma experiência positiva que pode levar esses jovens a recomendar a Universidade e, em alguns casos, a encontrar na Beira Baixa condições para aqui permanecer depois de concluírem o curso.

A designação de Universidade pode ser uma mais-valia para atrair alunos?

Pode ser, e de forma muito significativa. Passarmos a ser Universidade Politécnica altera a forma como a instituição é lida, reconhecida e posicionada. Não é apenas uma nova designação; é uma nova afirmação de identidade, de ambição e de responsabilidade. A palavra Universidade tem um peso institucional e simbólico muito forte. Em Portugal e, sobretudo, no plano internacional, associa-se de imediato a formação avançada, investigação, inovação, conhecimento e capacidade de produzir futuro. Isso torna a instituição mais legível, mais reconhecível e mais competitiva na captação de estudantes, investigadores, parceiros e projetos.

Mas há uma diferença essencial entre ter um nome mais forte e construir uma reputação mais forte. O nome pode abrir portas; a reputação constrói-se pela qualidade, pelos resultados e pela confiança. Por isso, a nossa responsabilidade é fazer com que “Universidade Politécnica de Castelo Branco” não seja apenas uma designação nova, mas uma expressão com conteúdo e significado próprios. Queremos que esse nome passe a ser associado a ensino de qualidade,



Luís Farinha, reitor da Universidade Politécnica de Castelo Branco

proximidade, empregabilidade, investigação aplicada, inovação, transferência de conhecimento e capacidade de responder aos desafios das empresas, das instituições e do território. Queremos que seja reconhecido como sinónimo de competência, confiança e criação de valor.

Temos bons cursos, docentes e investigadores qualificados, relações sólidas com empresas e instituições e uma região com excelentes condições de vida. O desafio é transformar estes ativos numa proposta de valor clara, distintiva e reconhecida. É aí que “Somos Universidade Politécnica” deixa de ser uma afirmação institucional e passa a ser uma marca de confiança, de pertença e de futuro.

Como avalia a colocação de estudantes na UPCH nas duas primeiras fases do Concurso Nacional de Acesso?

Com realismo, mas também com confiança. O contexto demográfico continua a ser exigente e a competição pela atração de estudantes é cada vez maior, sobretudo para as instituições localizadas fora dos grandes centros urbanos. Mas os resultados deste ano dão-nos sinais positivos e mostram que é possível inverter tendências.

Na primeira fase do Concurso Nacional de Acesso, a UPCH registou 630 estudantes colocados, um crescimento de 28,6% face ao ano anterior, com vários cursos a preencherem a totalidade ou praticamente a totalidade das vagas. Na segunda fase voltámos a crescer, desta vez 32,5%, um resultado particularmente relevante porque ficou claramente acima da evolução registada no conjunto do sistema e do próprio ensino politécnico. São sinais positivos, que valorizamos, sem qualquer triunfalismo, porque sabemos que há ainda muito trabalho a fazer.

Não podemos, contudo, olhar para a captação de estudantes apenas como um problema de comunicação ou de abertura e encerramento de cursos. A capacidade de atração de uma Universidade constrói-se a médio e longo prazo e está profundamente ligada à qualidade e à dinâmica do território onde está inserida.

É por isso que a nossa estratégia vai muito para além do Concurso Nacional de Acesso. Queremos uma Universidade mais forte na ciência, na inovação e na transferência de conhecimento; uma Universidade capaz de trabalhar com as empresas e as instituições, de qualificar os seus recursos humanos, de apoiar processos de inovação e de contribuir para aumentar a produtividade e a criação de valor na região.

A ideia é que a UPCH e a região se fortaleçam entre si?

Há um círculo virtuoso que precisamos de construir. Uma Universidade com mais ciência e inovação torna o território mais competitivo. Um tecido empresarial e institucional mais qualificado e inovador cria mais riqueza e mais emprego qualificado. Mais oportunidades profissionais tornam a região mais atrativa para os jovens. E um território onde existem oportunidades, qualidade de vida e perspectivas de futuro torna-se, naturalmente, mais capaz de atrair estudantes, investidores, profissionais e investimento.

É essa transformação que queremos ajudar a promover. A questão não é apenas trazer jovens para estudar em Castelo Branco durante três ou quatro anos. É criar condições para que encontrem aqui oportunidades para aprender, investigar, trabalhar, empreender e, se assim o desejarem, construir o seu projeto de vida.

Castelo Branco e a Beira Baixa têm ativos muito importantes: segurança, qualidade de vida, proximidade, recursos, instituições e uma escala que permite conciliar vida profissional e pessoal de uma forma que nem sempre é possível nos grandes centros. O nosso desafio é acrescentar a esses ativos mais conhecimento, mais inovação, empresas mais competitivas e mais emprego qualificado.

A UPCH irá repensar as ofertas formativas no futuro?

Sim, e deve fazê-lo de forma permanente e estratégica. Uma Universidade não pode construir a sua oferta formativa apenas a partir do que funcionou no passado. Tem de ser capaz de ler o território, antecipar transformações tecnológicas, económicas e sociais, identificar novas competências e preparar pessoas para profissões que estão a mudar ou que ainda estão a emergir.

Estamos a avaliar a oferta existente cruzando vários critérios: procura, sucesso académico, empregabilidade, capacidade científica instalada, evolução das profissões e necessidades do tecido empresarial e institucional. Mas quero ir mais longe. A oferta formativa da UPCH deve ser cada vez mais coerente com uma visão de desenvolvimento para a Beira Baixa, reforçando áreas em que temos competências consolidadas e criando respostas em domínios com potencial para gerar qualificação, inovação, investimento e emprego qualificado.

Isso implica uma maior articulação entre escolas, unidades de investigação, empresas, municípios e instituições. A Universidade deve ser capaz de perceber onde existem necessidades de competências, onde estão a surgir novas oportunidades económicas e onde pode mobilizar conhecimento para ajudar a resolver problemas

concretos. A nossa dimensão e proximidade ao território podem ser uma vantagem: permitem-nos ouvir mais depressa, ajustar melhor e construir respostas mais próximas da realidade.

E como olha para a formação avançada e ao longo da vida?

É uma dimensão que considero decisiva. As empresas e as instituições não precisam apenas de novos licenciados; precisam de atualizar permanentemente as competências das pessoas que já empregam. Num contexto de transformação tecnológica acelerada, transição digital, novas exigências ambientais e mudança dos modelos de trabalho, a qualificação deixou de ser um momento da vida e passou a ser uma necessidade permanente.

É o primeiro reitor da instituição. Quais são os principais objetivos deste seu mandato?

Quero que, no final do mandato, a UPCH seja uma Universidade mais forte, mais procurada e mais relevante para a região e para o país. Mas a minha ambição vai para além do horizonte de um mandato. O que devemos começar a construir agora é uma trajetória de transformação para a próxima década.

Uma Universidade Politécnica no interior do país não pode limitar-se a cumprir bem a sua missão académica. Tem de estar profundamente ligada ao território, compreender os seus desafios, mobilizar conhecimento para os resolver e ajudar a criar novas oportunidades. Tem de formar pessoas, qualificar os recursos humanos das empresas e das instituições, produzir ciência com aplicação, apoiar a inovação e contribuir para aumentar a capacidade competitiva da região.

É essa Universidade que queremos afirmar: uma Universidade embebida no território, mas aberta ao mundo; próxima das pessoas e das organizações, mas exigente na qualidade; capaz de transformar conhecimento em valor económico e social e de ajudar a criar condições para atrair investimento, gerar emprego qualificado e fixar talento.

E que prioridades tem em cima da mesa?

As nossas prioridades estão todas ligadas por este propósito: melhorar o ensino e o sucesso dos estudantes; valorizar técnicos, docentes e investigadores; reforçar a ciência, a inovação, a transferência e a cocriação de conhecimento; aprofundar a relação com empresas, municípios, instituições de saúde, associações e restantes parceiros; e afirmar externamente a UPCH através da internacionalização, de redes de cooperação e de uma reputação construída sobre resultados.

Mas uma transformação territorial desta natureza não se faz apenas a partir da Universidade. Exige visão partilhada, confiança e capacidade de trabalhar em conjunto. Precisamos de reunir os principais atores do território em torno de objetivos comuns, independentemente de ciclos eleitorais, sensibilidades partidárias ou legítimas diferenças de opinião. Haverá sempre espaço para divergência, mas deve existir também a capacidade de reconhecer aquilo que é estrutural para o futuro da região.

A Beira Baixa precisa de pensar a dez anos: que economia queremos ter, que competências vamos precisar, que setores podemos desenvolver, que talento queremos atrair e fixar e que condições devemos criar para que os jovens encontrem aqui oportunidades para estudar, trabalhar, empreender e construir um projeto de vida.

A UPCH quer assumir a sua parte nessa construção. Não pretendemos substituir empresas, municípios ou instituições; queremos ser o espaço onde conhecimento, talento, tecnologia



e necessidades do território se encontram e onde podem nascer soluções novas.

Quero também deixar uma cultura de execução. Uma instituição pública deve saber ouvir, envolver e construir consensos, mas tem também de decidir, executar, medir resultados e prestar contas. No final, o nosso trabalho não deve ser avaliado apenas pelo número de cursos, projetos ou edifícios. Deve ser avaliado pela transformação que ajudamos a gerar: na vida dos estudantes, na qualificação das pessoas, na competitividade das empresas, na capacidade das instituições, na criação de emprego qualificado e nas oportunidades existentes na Beira Baixa.

Se daqui a dez anos tivermos uma região mais qualificada, mais inovadora, mais competitiva e mais capaz de reter os seus jovens e atrair novo talento, então a Universidade terá cumprido uma das suas missões mais importantes.

A Universidade de Castelo Branco vai manter a sua matriz politécnica?

Sem qualquer dúvida. A matriz politécnica não é uma condição que tenhamos de ultrapassar; é uma identidade que devemos assumir e transformar numa verdadeira vantagem competitiva. O erro seria procurar reproduzir, em menor escala, o modelo de uma universidade clássica. A nossa ambição é outra: queremos afirmar uma Universidade Politécnica de excelência, cientificamente exigente, tecnologicamente avançada, próxima das profissões e profundamente ligada ao território.

E há exemplos internacionais muito claros de que esta identidade é plenamente compatível com a excelência. O Politecnico di Milano, a Universitat Politècnica de Catalunya, a TU Delft ou a ETH Zürich estão entre as grandes referên-

cias europeias em engenharia, tecnologia, arquitetura, design e inovação. O que as distingue é precisamente a combinação entre ciência de elevada qualidade, forte internacionalização, formação avançada, ligação às empresas e capacidade de transformar conhecimento em inovação e impacto.

É essa identidade que queremos reforçar na UPCB. Um ensino muito próximo da realidade profissional, mas suportado por conhecimento científico sólido; investigação orientada para problemas concretos; transferência e cocriação de conhecimento; inovação tecnológica; e uma relação permanente com empresas, municípios, instituições de saúde, organizações sociais e comunidade.

Mas ser politécnica não significa ter menor ambição científica. Pelo contrário. Queremos aumentar a densidade científica da Universidade, reforçar as unidades de investigação, atrair projetos e investigadores, desenvolver formação avançada e doutoramentos, internacionalizar as nossas equipas e participar em redes nacionais e internacionais de conhecimento e inovação.

A questão do financiamento está muito ligada a tudo isto...

E é precisamente por isso que defendemos também um sistema de financiamento mais equilibrado entre os dois subsistemas de ensino superior. Não pretendemos uniformizar missões nem apagar identidades diferentes. O que queremos é que instituições com responsabilidades crescentes no ensino, na ciência, na inovação, na formação avançada e no desenvolvimento dos territórios disponham de condições de financiamento comparáveis para cumprir essas missões com qualidade. A diferenciação institucional deve resultar da missão, das competên-

cias e dos resultados, não de assimetrias de financiamento que limitem à partida a capacidade de algumas instituições se desenvolverem.

É nesta combinação que reside o nosso espaço de diferenciação: excelência académica e científica associada à capacidade de transformar conhecimento em soluções. Quero que uma empresa que enfrenta um desafio tecnológico, um município que procura responder a um problema do território, uma unidade de saúde que pretende melhorar um processo ou uma instituição que necessita de inovar encontre na UPCB competências, investigadores, estudantes e infraestruturas capazes de compreender o problema, desenvolver conhecimento, experimentar soluções e avaliar resultados.

Esta proximidade dá-nos também uma oportunidade extraordinária: transformar a Beira Baixa num verdadeiro território de experimentação e inovação, onde Universidade, empresas, instituições e municípios possam trabalhar em conjunto sobre problemas reais. O território deixa, assim, de ser apenas o espaço onde a Universidade está localizada e passa a ser parte integrante da forma como ensinamos, investigamos e inovamos.

É esta Universidade Politécnica que queremos construir em Castelo Branco: uma Universidade com raízes profundas no território e capacidade para trabalhar em redes globais; que forma para as profissões de hoje, mas antecipa as competências de amanhã; que produz ciência, mas procura que essa ciência tenha consequências; e que mede a sua relevância também pela capacidade de qualificar pessoas, tornar as organizações mais competitivas e contribuir para criar riqueza, emprego qualificado e novas oportunidades na região.

Neste momento estão a funcionar três doutoramentos na UPCB, em parceria com outras instituições. No futuro em que áreas poderão avançar os terceiros ciclos?

Os doutoramentos são uma dimensão muito importante da afirmação científica da UPCB, mas não queremos criá-los por uma questão de estatuto, de número ou de catálogo. Um terceiro ciclo só faz sentido quando assenta em verdadeira capacidade científica: massa crítica, unidades de investigação, orientadores qualificados, redes nacionais e internacionais, projetos de investigação e problemas relevantes sobre os quais seja possível produzir conhecimento novo.

É essa lógica que já está presente nos três doutoramentos que integram atualmente a nossa oferta: doutoramento em Sustentabilidade Agro-Alimentar e Ambiental; doutoramento em Ciências do Desporto e doutoramento em Design para a Inovação Regional.

Iremos olhar para áreas como as engenharias e tecnologias, gestão, inovação e desenvolvimento territorial, ciências agrárias e alimentares, saúde, design e outras áreas interdisciplinares onde a Universidade possa reunir competências dispersas e construir propostas com verdadeira identidade científica. O objetivo não é replicar o que outras instituições já fazem; é identificar onde podemos acrescentar conhecimento, diferenciação e valor.

Quero doutoramentos que atraiam estudantes e investigadores, tragam projetos e redes para Castelo Branco, aproximem empresas e instituições da investigação e aumentem a capacidade científica da Universidade. ■



saber mais em:
www.ensino.eu

Publicidade



UMA INSTITUIÇÃO AO SERVIÇO DA REGIÃO SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE IDANHA-A-NOVA



**A Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova felicita
a Universidade Politécnica de Castelo Branco pelo seu 46.º aniversário**

Rua Movimento das Forças Armadas, 6060-101 Idanha-a-Nova | Telefone: 277 202 161
(chamada para a rede fixa nacional)



NOVO LIVRO DE HENRIQUE GIL Ecossistemas digitais e a inclusão dos mais velhos

O livro “Ecossistemas Digitais 5.0 e a interação humano-computador”, da autoria do professor da Universidade Politécnica de Castelo Branco, Henrique Gil, foi apresentado no passado dia 2 de outubro, na Biblioteca Municipal de Castelo Branco, num momento que teve início com a atuação da tuna académica da Universidade Sénior Albicastrense (USALBI).

Com edição da editora RVJ Editores, o livro aborda a necessidade do público sénior adquirir conhecimentos para lidar com as novas tecnologias. Esta obra mostra o impacto das tecnologias digitais na população idosa e os seus impactos e desafios no processo de envelhecimento. Nessa perspetiva sublinha a impor-

tância das universidades seniores, como a USALBI, que tem ministrado formação na área da informática e que apoiou o lançamento deste trabalho.

Henrique Gil escreve, na sua nota de abertura, que “o problema reside no facto de ainda muitos cidadãos estarem infoexcluídos e, por essa via, encontram-se privados dos conceitos básicos onde assenta uma sociedade democrática: a plena igualdade de oportunidades. A fratura digital vem, por este meio, criar contextos que facilmente derivam para uma exclusão social”.

A apresentação da obra foi feita pelo presidente da RUTIS, Luís Jacob, que alertou para a importância de dar conhecimento aos idosos e para

a necessidade das plataformas digitais serem mais intuitivas para essa geração.

Arnaldo Braz, diretor da Usalbi, aproveitou o momento para frisar que o livro, “ao centrar-se nas pessoas mais velhas, relembra-nos que a exclusão digital pode facilmente converter-se em exclusão social, tornando urgente a promoção de respostas educativas e comunitárias que garantam uma sociedade mais inclusiva”.

A apresentação contou ainda com as intervenções de Christelle Domingos, vereadora da Educação da Câmara de Castelo Branco, Luís Farinha, reitor da Universidade Politécnica de Castelo Branco, e João Carrega, editor da obra. ■

UNIVERSIDADE EUROPEIA Candidaturas abertas

A Aliança Europeia de Universidades BAUHAUS4EU, que faz parte a Universidade Politécnica de Castelo Branco (UPCB) tem aberta, até 31 de dezembro, a segunda fase de candidaturas para os Student-led Interdisciplinary Courses (SLC).

Tendo como público alvo “estudantes de licenciatura, mestrado e doutoramento, a iniciativa pretende colocar os estudantes no centro da criação de novas experiências de aprendizagem, promovendo o seu papel enquanto agentes de inovação e mudança. Com o apoio de um mentor académico, as equipas poderão propor diferentes formatos, como

workshops, seminários, ciclos de conferências ou módulos de projeto, desde que contribuam para a construção de campus mais verdes, inclusivos e sustentáveis”, explica, em nota enviada ao Ensino Magazine a UPCB.

Segundo a mesma informação, “os cursos selecionados serão reconhecidos académicamente e atribuirão 3 ECTS aos estudantes participantes. Cada curso poderá ainda beneficiar de um financiamento de até 2500 euros para apoiar a sua implementação.

A formação decorre entre janeiro e julho de 2027, durante o semestre de verão do ano letivo 2026/2027. ■

EVENTO INTERNACIONAL NA ESE Sprint faz congresso

A Unidade de Investigação SPRINT realiza, nos próximos dias 5 e 6 de novembro, na Escola Superior de Educação da Universidade Politécnica de Castelo Branco, o seu II Congresso Internacional. Desporto, atividade física e saúde são os temas dominantes. O evento assinala também os 40 anos de formação em Educação Física e Desporto naquela escola, evocando o caminho construído ao longo destes 40 anos, reconhecendo o contributo das diferentes gerações e projetan-

do os desafios e oportunidades que se colocam ao futuro da formação e da intervenção no domínio do desporto.

De acordo com a Universidade albicastrense, “o evento será um espaço de encontro, reflexão e partilha científica que reunirá investigadores, docentes, estudantes e profissionais, nacionais e internacionais, em torno de diferentes dimensões relacionadas com o desporto, a atividade física, a saúde e a intervenção em diferentes populações”. ■

Publicidade

46 Anos a Construir o Futuro da Beira Baixa

A Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa
congratula a Universidade Politécnica de Castelo Branco
por 46 anos de excelência académica
e impacto transformador na região.

Amato Lusitano
Associação de Desenvolvimento

☎ (+351) 272 325 126
✉ geral@amatolusitano-ad.pt
📍 Rua da Fonte Nova, N.º 1, Quinta da Fonte Nova, R/C
6000 - 167 Castelo Branco

Alvaro

Av. Gen. Humberto Delgado, 28-B
6000-081 CASTELO BRANCO

☎ 272 342 762
✉ horavla1@hotmail.com
✉ geral@horavla.com
🌐 www.horavla.com

exacentro

TROFÉUS • TROFÉUS • SARCÓFAGOS E LÂMINAS

🏆 Taças / Troféus / Medalhas / Placas

🖨️ Corte e Gravação Laser

🖨️ Impressão

🖨️ Design Gráfico

Av. General Humberto Delgado, 28
6000-081 CASTELO BRANCO

☎ 272 323 345
✉ exacentro.ida@gmail.com
🌐 www.exacentro.pt



*Parabéns
UPCB*

**46
anos**

*de dedicação,
compromisso
e paixão pela
educação.*

28 out. 1980



*Venha conhecer a
UPCB, Castelo Branco*



UNIVERSIDADES POLITÉCNICAS DE CASTELO BRANCO E VIANA DO CASTELO FAZEM

Doutoramento em Design Regional

As universidades politécnicas de Castelo Branco e de Viana do Castelo arrancaram, no passado dia 1 de outubro, na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco (ESART), com o primeiro doutoramento em Design para a Inovação Regional.

A abertura desta formação, que em anos alternados funcionará em Castelo Branco e Viana do Castelo, coincidiu com a conferência DRI'26 – 1st Design for Regional Innovation Summit. Um evento que reuniu centenas de participantes na Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART).

Este ano o curso funciona em Castelo Branco, e para as 15 vagas disponíveis, concorreram 25 candidatos. “A criação deste Doutoramento representa uma aposta conjunta da UPCB e da UNIPVC numa investigação mais próxima das organizações e dos desafios concretos dos territórios. O objetivo passa por formar investigadores capazes de produzir conhecimento científico a partir de problemas reais e, simultaneamente, transformar esse conhecimento em soluções com impacto económico, social, ambiental, cultural e institucional”, justifica a UPCB em nota enviada ao Ensino Magazine.



A sessão de abertura integrou um congresso internacional

Na sessão de abertura marcaram presença o reitor da Universidade Politécnica de Castelo Branco, Luís Farinha; o presidente do Conselho Geral, João Carrega; a vice-reitora da Universidade Politécnica de Viana do Castelo, Ana Sofia Rodrigues; o Coordenador do CIAUD.UPCB, Polo em Castelo Branco do CIAUD - Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, Daniel Raposo, Coordenadora do CIAUD.UNIPVC, Polo em Viana do Castelo do CIAUD - Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, Liliana Soares.

O encontro promoveu o diálogo entre academia, organismos públicos e tecido empresarial, reunindo representantes do ensino superior, da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, do IAPMEI, da Associação Industrial Portuguesa, das Aldeias Históricas de Portugal, da Associação Empresarial da Beira Baixa, da Associação Empresarial Distrital de Viana do Castelo e do CATAA – Centro de Apoio Tecnológico Agro-Alimentar, entre outras entidades.

Participaram no evento Fernando Moreira

da Silva, presidente Conselho Consultivo do Doutoramento em Design para a Inovação Regional; Jorge Conde, vice-presidente da CCDRC - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro; Alexandre Caldas, Diretor de Economia e Inovação da AIP – Associação Industrial Portuguesa/Câmara de Comércio e Indústria; Dalila Dias, Coordenadora Executiva das Aldeias Históricas de Portugal - Associação de Desenvolvimento Turístico; Jorge Amaral, Vice-presidente da Direção da AEBB - Associação Empresarial da Beira Baixa; Manuel Lima da Cunha Júnior, Presidente da Direção da AEDVC – Associação Empresarial Distrital de Viana do Castelo; Christophe Espírito Santo, Diretor do CATAA – Centro de Apoio Tecnológico Agro-Alimentar; Rita Almendra, Membro Conselho Consultivo DIR; Ana Henriques e Daniela Monteiro, New Packaging Development & Innovation at Amorim Top Series, S.A.; João Veloso, CTO da PORTILAME; Joana Rodrigues, Geoconservação, Capacitação e Desenvolvimento Comunitário da Naturtejo UNESCO Global Geopark, Portugal e Sérgio Ivan Lopes, CiTin – Centro de Interface Tecnológico Industrial. ■

Publicidade



O Município de Vila Velha de Ródão felicita a Universidade Politécnica de Castelo Branco pelos seus 46 anos ao serviço do ensino e da inovação.

 VILA VELHA DE RÓDÃO
Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão

UPCB

Programa do aniversário

A Universidade Politécnica de Castelo Branco assinala no próximo dia 28 de outubro, o 46.º aniversário da instituição que lhe deu origem. Esta é a primeira sessão solene que a academia comemora com a designação de universidade politécnica.

A cerimónia tem lugar no auditório da Escola Superior de Tecnologia de Castelo Branco, a partir das 14h30min, com a homenagem aos colaboradores que completaram 25

anos de serviço. Seguem-se as intervenções do presidente do Conselho Geral, João Carrega; da presidente da Associação Académica, Leonor Ferreira; do presidente da Câmara de Castelo Branco, Leopoldo Rodrigues e do Reitor da UPCB, Luís Farinha.

O aniversário integra ainda uma mostra de ciência e inovação, no Centro de Cultura Contemporânea, numa iniciativa que terá início às 17 horas. ■

CASTELO BRANCO

Universidade em protejo de IA

A Universidade Politécnica de Castelo Branco (UPCB) faz parte do projeto MADE4C – Materiais, Design, Fabrico e Digitalização Avançada para Produtos Circulares, financiado pelo COMPETE 2030 e liderado pela empresa DURIT. Este programa aposta na produção avançada, sustentabilidade e Inteligência Artificial, segundo referiu ao Ensino Magazine a UPCB.

Com uma duração de 32 meses

e início a 1 de setembro de 2026, o projeto pretende contribuir para a transformação digital e sustentável das indústrias de moldes, ferramentas e revestimentos. O arranque do projeto foi assinalado com uma reunião de kick-off, realizada nas instalações da DURIT, que reuniu os parceiros do consórcio e permitiu alinhar as principais atividades, objetivos e linhas de desenvolvimento da iniciativa. A UPCB integra

o consórcio através dos docentes Pedro Torres, Armando Ramalho e Nuno Fernandes, assumindo um papel relevante na componente de Inteligência Artificial e digitalização industrial.

Além da DURIT e da UPCB o consórcio reúne, para além da DURIT, as empresas AGIX, FAMOLDE, VIDRIMOLDE e INOVATOOLS Portugal, bem como as entidades do sistema científico e tecnológico INEGI, ISQ, IPN e UPCB. ■

Publicidade

Mostra frutos de outono

30 OUT 26 - Sexta-feira
BOMBOS DO GAIO
BORGUINHA DE BRAGA e NATY VIEIRA

31 OUT 26 - Sábado
Ranchos Folclóricos de ALBUFEIRA e Etnográfico de OLEIROS
TIAGO SILVA com AMIGOS À DESGARRADA

01 NOV 26 - Domingo
RÚBEN ALVES
XUMBO TORTO

oleiros, oleiros, naturtejo, unesco, 20, ARI

visite
O CENTRO DO ENCANTO
PROENÇA-A-NOVA

GASTRONOMIA, PRAIAS, ARTE, DESPORTO

PODER ANOMINUTIVA 2030 LOCAL PROENÇA-A-NOVA, Município Proença-a-Nova

www.cm-proencanova.pt

Publicidade

Car Service

Felicita o UPCB 46.º Aniversário

BOSCH Service

José Carlos Pinheiro, Lda
Oficina Multimarca

Nova Zona Industrial Castelo Branco
Tel/Fax: 272 322 801 n.º verde: 800 50 40 30
(Chamada para rede fixa nacional)
www.boschcarservice.pt - mail: jcp@boschcarservice.pt

dma's
publicidade

+351 964 093 181
ricardo@dmaispublicidade.com

Decoração montras e viaturas | Sinalética Outdoor's | Têxtil | Brindes | Impressão digital

Café Restaurante "English Savoy"
de: António Nascimento
Isabel Nascimento

Estrada de Malpica n.º 32 * CASTELO BRANCO
Telef.: 272 345 486 | E-mail: englishsavoy@hotmail.com



Impulsionar o futuro do conhecimento.

—
Ensino e Aprendizagem.
Ciência e Inovação.
Ligação à Comunidade.



**Universidade
Politécnica**
Castelo Branco

www.ipcb.pt